



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANDRÉIA SANTOS BARBOSA

**O INGRESSO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SENTIDOS,
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

**AMARGOSA-BA
2018**

ANDREIA SANTOS BARBOSA

**O INGRESSO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SENTIDOS,
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade.

**AMARGOSA-BA
2018**

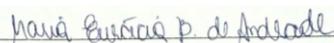
ANDRÉIA SANTOS BARBOSA

**O INGRESSO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SENTIDOS,
DESAFIOS E PERSPECTIVAS.**

É aprovada pelos membros da Banca Examinadora, foi aceita por esta Instituição de Ensino Superior como Trabalho de Conclusão de Curso no nível de graduação, como requisito para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 04 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
Centro de Formação de Professores-CFP



Prof^a. Dr^a. Andréia Barbosa dos Santos
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
Centro de Formação de Professores-CFP



Prof^a. Dr^a. Erica Bastos da Silva
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB
Centro de Formação de Professores-CFP

Dedico este trabalho aos responsáveis por essa conquista, meus pais: Silvina e José Antônio, meu irmão Sérgio ao meu querido sobrinho Davi, aos amigos e familiares quem me incentivaram à chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto dos mais bonitos e admirável que se pode ter, é o reconhecimento de que o outro foi importante para você nos momentos bons e ruins. Desse modo, venho aqui demonstrar minha gratidão, primeiramente a DEUS que em um momento de atribulação me deu essa oportunidade, que foi um presente e ao mesmo tempo um desafio, mas que com certeza não serei mais a mesma depois dessa experiência, então muito obrigado meu DEUS pelo amor incondicional.

Agradeço com profundo afeto a minha mãe SILVINA, pelo amor, cuidado e dedicação, um exemplo de mulher guerreira que sempre me incentivou a não desistir, e ao meu pai JOSÉ ANTÔNIO pelo zelo e cuidado, companheiro nas tardes de domingo esperando o ônibus para Amargosa.

Ao meu irmão Sérgio que sempre esteve ali quando eu mais precisava, me acolhendo fazendo um papel de pai irmão, meu muito obrigado mano, a minha cunhada Fernanda pelas palavras de incentivo para conquistar meus objetivos. Ao meu sobrinho Davi, que alegra a nossa família, me enche de esperança de que dias melhores sempre virão.

A minha família paterna e materna por todo incentivo, as minhas avós Erotildes e Joana (*in memoriam*) pelo aconchego, amor e carinho.

As tias em especial Luiza, Nevinha, Lurdinha, Gracinha e Gal, os tios Zé, Manoel por todo apoio ao longo dos anos.

Aos primos em especial Charles, Michael, Caio Tiago, Luciano, Adriano, Rick pelo apoio, pelas resenhas que não forma poucas durante a minha vida.

As primas em especial, Lu pelas mensagens de incentivo toda manhã, pelas várias horas ao telefone ouvindo eu falar das minhas aflições, mas sempre presente e firme, te amo minha Luci!

À Mila que me apoiou na minha chegada em Amargosa apresentando-me a cidade e a universidade, como você mesmo disse: vai ter primas pedagogas sim, e aqui estamos nós.

À Ana que nunca mediu esforços para ajudar, me acolheu em Amargosa, sempre com seu zelo de mãe, me incentivou a vir acima de qualquer coisa para universidade e a enfrentar os desafios. Meu muito obrigado

Ninha, à Minho que juntamente com você também sempre mostrou seu apoio e carinho.

À Tina por toda parceria durante a escola, minha “pró de matemática” (risos) obrigada por tudo. À Diu, Mane, Rosa, Marisa, Aline, Manu, por ter feito parte da minha vida até aqui minhas referências de primas.

Amigos são irmão dados por Deus, são anjos na terra por isso trago aqui os meus melhores meus sinceros agradecimentos.

À Josélia amiga parceira, irmã que nem os momentos distantes podem separar nossa amizade, crescemos juntas, compartilhamos histórias, o primeiro namorado, as angustias, os erros e acertos da vida, enfim obrigada minha amiga irmã.

À Cind que com pouco tempo em que cheguei em Amargosa conseguiu criar um laço tão forte, parecia que já nos conhecíamos a muito tempo, Deus estava me dando ali uma nova irmã, para me ajudar nessa nova empreitada árdua longe de casa, gratidão a você meu anjo.

À Ane companheira do cuscuz (risos), oh irmã dos abraços apertados, você é uma pessoa de luz própria, zelosa, adoro você, a você meu muito obrigado, pelas palavras de carinho e incentivo.

As minhas duplas Bia, Dani, Bianca, Lívia (risos), nem esperava ser hoje o que somos uma com a outra, malandramente duplas.

A Bia com seu jeito mansinho de ser, uma menina mulher que tem sempre uma palavra certa para dizer na hora que as coisas apertam, tem o dom de fazer rir dos problemas, tem também uma trufinhas e uns bolinhos deliciosos, minha filhinha a você meu muito obrigado.

A Dani, menina gentil sempre prestes a ajudar a incentivar nas horas de sufoco, companheira no combate aos fantasmas (risos) dupla das gorduras, você é muito especial, meu muito obrigado.

A Bianca mulher guerreira responsável, companheira, sempre preste a ajudar os amigos, obrigado por me apoiar nos momentos de tribulação sempre me dizendo que sou capaz, suas palavras “vamos fazer” “vamos conseguir”, sim dupla, conseguimos! Meu muito obrigado.

Lívia que com seu jeito doidinho de ser, não posso esquecer que muitas vezes já se disponibilizou a ajudar, obrigada Lívia.

À Sueli e Zani, por tudo que vivemos durante as aulas, as formações de grupos, as frustrações e medos quem enfim conseguimos superar.

As meninas do grupo “Ninguém vai a lugar nenhum” Elica, Liliane, Gessica, Nalim, Manu, Bárbara e Shirlen pelas resenhas.

Ao grupo PET Educação e Sustentabilidade, as tutoras Rosineide Mubarak, pela confiança e cuidado e à Gilsélia Macedo, por ser uma pessoa maravilhosa, doce, meiga, acolhedora meu muito obrigado.

Aos meus parceiros petianos, por todas as resenhas, as viagens maravilhosas, obrigado por tudo.

Em especial a Manu, Mirian e Edna que entraram juntos comigo no programa, aprendendo uma com a outra o ser petiano sempre petiano. A Elica, Welliton, Carol, Lourival, Neilza, Tiago, e Saulo sentirei falta das nossas resenhas, tudo de bom para vocês.

As meninas Amanda e Renilda que me incentivou tanto a não desistir, obrigada queridas.

As meninas da minha rua, Daiane, Lai, Tamires obrigada!

É com muita gratidão que me refiro à minha orientadora Eurácia Barreto, um anjo na terra, sempre disposta a ajudar, o mundo precisa de mais pessoas como a senhora. Minha flor, muito obrigada.

Gratidão as pessoas que colaboram com a pesquisa, que disponibilizaram seu tempo para falar da sua trajetória de vida, sem eles não seria possível a realização desse trabalho, a eles meu muito obrigado.

À todos os mestres que contribuíram nessa caminhada, em especial a pró Jerusa, minha professora amiga, por sempre mostrar o lado bom das coisas sempre sorrindo.

Aos motoristas em especial Léo, e Seu Roberto, aos técnicos administrativos em especial a Virgílio e Daniel, que sempre estavam dispostos a ajudar. Ao pessoal da biblioteca, e da xerox, Renatinha e dona Railda, gratidão. Ao pessoal da limpeza que sempre deixou a universidade agradável. Aos vigilantes, e recepcionistas em especial Carlos, Bel, Miguel, Alan, seu Dorival e a todos que contribuíram para que essa etapa se cumprisse.

À todos, meu muito obrigado!

“Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (...)” . Paulo Freire

BARBOSA, Andréia Santos. **O Ingresso dos Estudantes da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Formação de Professores: sentidos, desafios e perspectivas.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2018.

RESUMO

O Ingresso de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Universidade deve ser entendido como um grande avanço. Apesar da EJA ter se constituído no intuito de preencher uma lacuna deixada pela educação, não podemos esquecer de destacá-la como uma conquista. Por isso, conhecer pessoas que ingressaram na Universidade oriundas da EJA é muito relevante, porque permite uma valorização da Educação de Jovens e Adultos, além de uma reflexão de como está sendo a inserção desses estudantes na Educação Superior. Nesse sentido, a presente pesquisa objetivou compreender os sentidos, desafios e perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no Recôncavo da Bahia que conseguem ingressar no Centro de Formação de Professores a pesquisa foi realizada com quatro estudantes oriundos da EJA sendo duas mulheres e dois homens três do curso de pedagogia e um de matemática. Para isso foram priorizadas algumas referências, constituindo a base teórica desta pesquisa, dentre elas estão: Haddad e Di Pierro (2000), Freire (2005; 2011), Oliveira e Sales (2012), Santos (2014), Paiva (1973), Gadotti (2008), Souza (2016), Silva (2010, 2016), Ferreira e Garcia (2014), dentre outras que contribuíra para melhor compreender o problema investigado. O estudo tende a se assemelhar ao que propõe o paradigma emergente, de abordagem qualitativa, do tipo de pesquisa de campo, sendo utilizados como instrumentos de coleta de dados, a entrevista semiestruturada com os estudantes da EJA que ingressaram na universidade. Esse instrumento se configura como relevante para essa pesquisa porque permite que os sujeitos falem sobre sua trajetória, permitindo assim um melhor resultado para responder as questões que norteiam o trabalho. Assim, podemos perceber que esses sujeitos têm muitas coisas em comum, não só o fato de serem oriundos da EJA, mas tem as marcas profundas de direitos negados, porém a esperança de dias melhores. Deste modo, entendemos que a educação e em especial a modalidade da Educação de Jovens e Adultos precisa de muitas ações para possibilitar uma educação emancipatória ao alcance de todos. Assim, espera-se que essa pesquisa contribua de forma significativa para melhor compreender a conjuntura educacional da EJA e chamar a atenção em relação ao que ainda precisa ser melhorado. Como achados da pesquisa concluímos que para esses sujeitos a educação é o caminho para uma vida melhor, mas enfrentarão vários desafios como dificuldade de permanência e de adaptação, porém ainda assim eles tem expectativa de ter uma vida de qualidade com um trabalho bom e futuramente expandir seus estudos.

Palavras chaves: Educação de Jovens e Adultos, Educação, Ensino Superior.

LISTA DE SIGLAS

PET- Programa de Educação Tutorial

CFP- Centro de Formação de Professores

UFRB- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

PROUNI- Programa Universidade para Todos

FIES- Fundo de Financiamento Estudantil

MEC- Ministério da Educação

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PROPAAE- Pró- Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis

CNER- A Campanha Nacional de Educação Rural

CEAA - Campanha de Educação para Adolescentes e Adultos

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

PAS- Programa de Alfabetização Solidária

PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

MST- Movimentos dos trabalhadores Rurais Sem Terra

PT- Partido dos Trabalhadores

SECAD- Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade

PROJOVEM- Programa Nacional de Inclusão de Jovens

PNLA- Programa Nacional do livro didático para Alfabetização de Jovens e Adultos

TOPA- Todos pela Alfabetização

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: LUTAS, HISTÓRIAS E CONQUISTAS	18
2.1	A Educação de Jovens e Adultos no seu movimento histórico, legal e conceitual	18
2.2	A educação de jovens e adultos no contexto atual: momento de avanço ou retrocesso	28
3	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SENTIDOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS	32
3.1	Os sentidos da educação no processo de emancipação do sujeito	32
3.2	Desafios enfrentados na Educação de Jovens e Adultos	37
4	A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: DA ELITIZAÇÃO PARA A DEMOCRATIZAÇÃO	40
4.1	UNIVERSIDADES: ORIGENS HISTÓRICAS E TRAJETÓRIAS	40
5	PERCURSO METODOLÓGICO	44
5.1	Paradigma científico	44
5.2	Paradigma emergente	45
5.3	Abordagem metodológica	47
5.4	Instrumento de coleta de dados	48
5.5	Análise e Interpretação dos dados	49
5.6	<i>Lócus</i> da pesquisa	50
6	ANÁLISE DE DADOS	51
6.1	Estudantes da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Formação de Professores: Quem são? O que nos revelam?	51
6.2	Sobre a trajetória	52
6.3	Estudantes da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Formação de Professores: Sentidos e Desafios da Formação.	64
6.4	Expectativas de uma formação mesmo que “tardia”: com a palavra, os estudantes.	71
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICE I	82
	APÊNDICE II	84
	APÊNDICE III	86

INTRODUÇÃO

O conhecimento é algo essencial na vida do ser humano; o processo de aprendizagem permite ao sujeito uma leitura de mundo ampla, possibilitando ao mesmo ser autor da sua própria história, no entanto sabe-se que cada ser tem suas especificidades, seu tempo e maneira de aprender.

A inserção dos sujeitos na escola é uma das principais formas de emancipação na sociedade, pois permite a ressignificação dos saberes que já possuem articulados com os novos conhecimentos adquiridos. Com isso, a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessária no contexto social, sobretudo porque ela permite, que as pessoas que não tiveram a oportunidade por algum motivo seja ele econômico, político ou social não cursar no período considerado adequado, tem nesta modalidade a possibilidade de garantir o direito de escolarização que lhe foi negado.

O interesse pela pesquisa se deu após um processo seletivo para um projeto de pesquisa intitulado Programa de Educação Tutorial¹ (PET) o qual sou parte integrante. Nesse processo, selecionaram-me para elaborar um seminário sobre a Educação de Jovens e Adultos. O estudo sobre a temática despertou-me a curiosidade em saber como esses sujeitos lidam com a realidade de serem alfabetizados tardiamente e se conseguem ingressar no Ensino Superior.

A Educação de Jovens e Adultos tem algumas disparidades e, inevitavelmente, no contexto da educação brasileira, ainda enfrenta grandes dificuldades em que rege essa educação pelo fato de não ter um olhar mais cuidadoso para com as especificidades desse público peculiar, com pontos de vista formados a partir das vivências do cotidiano.

Diante desta abordagem faz-se importante uma retomada, mesmo que de forma breve, dos desafios do acesso a escolarização, sobretudo a educação superior. Nos anos 40 era muito difícil o ingresso no ensino básico, e, por consequência, o acesso as Universidades. Se era difícil completar o ensino

¹ O programa de educação tutorial destina-se a apoiar grupos de alunos que demonstrem potencial, interesse e habilidade destacadas em curso de graduação das instituições de Ensino Superior- IES. O apoio pode ser concedido ao estudante bolsista até a conclusão da sua graduação e ao professor tutor por três anos podendo ser prorrogável por iguais períodos conforme parecer da comissão de avaliação do PET. BRASIL, S/A

básico, mais difícil ainda era ingressar no Ensino Superior, por ser um ensino destinado à elite.

A princípio, a educação superior foi criada para atender os mais favorecidos, restando, para a grande população, trabalhos que envolvessem força e prestação de serviço, exercendo um papel de submissão, pessoas que não tinha direito ao ensino básico e praticamente impossível de estarem no ensino superior.

Atualmente, o ensino superior obteve grandes avanços com a criação das políticas públicas que possibilitam o acesso a Universidade, como Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa Universidade para Todos (PROUNI), Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) sistemas de cotas para negros, dentre outras. Esses programas promoveram maior equidade social quando nos referimos à entrada da Universidade.

Nesse sentido, essa pesquisa torna-se relevante porque diante de muitos obstáculos em que se destaca a educação, e principalmente a Educação de Jovens e Adultos, que tem um lado delicado e sensível pelas inúmeras contingências que marcam a vida dos sujeitos nela inseridos², com a possibilidade de recomeçar uma trajetória escolar através da EJA e, mais tarde, alcançar o Ensino Superior. Deste modo, o presente trabalho buscou empreender discussões acerca do ingresso dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos no ensino superior, assim como, analisar os sentidos, desafios e perspectivas que os mesmos produzem sobre suas vivências durante a trajetória acadêmica. Tal pesquisa será desenvolvida com discentes do Centro de Formação de Professores que são oriundos da EJA.

O direito à educação na idade adulta traz consigo todo um histórico de lutas, em busca de um objetivo. O que ressalta ainda mais essa pesquisa é perceber que apesar dos problemas que regem a educação no Brasil, esses sujeitos que não tiveram oportunidade de acesso e permanência a educação formal na infância ou adolescência frequentaram a Educação de Jovens e Adultos e foram em busca de ingressar no Ensino Superior.

² Diversos são os fatores que impossibilitam o ingresso e permanência desses sujeitos na escola. As pessoas imersas na Educação de Jovens e Adultos são, em sua maioria, aquelas que não ingressaram ou por algum motivo não permaneceram na escola e tiveram que reverter seus papéis quando criança, deixando de estudar para trabalhar e ajudar no sustento da família, por gravidez precoce, ou pelo fato da família não ter condição de manter na escola mesmo sendo pública.

A educação não deve ser compreendida apenas por um mero acúmulo de conhecimentos e saberes onde são depositados nos alunos os conteúdos. Os educandos não são sujeitos ociosos, vazios, como aborda Paulo Freire (2014) com a concepção de educação “bancária”, muito pelo contrário: são sujeitos que carregam em si uma ampla bagagem cultural, social e de saberes empíricos diversos.

Assim, o problema da pesquisa tem como intuito responder a seguinte questão: quais os sentidos, desafios e perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no recôncavo da Bahia que conseguem ingressar no Centro de Formação de Professores? Para isso tem-se como objetivo geral, compreender os sentidos, desafios e perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no Recôncavo da Bahia que conseguem ingressar no Centro de Formação de Professores. Para atender ao problema e objetivo amplo, delimitamos os objetivos específicos, que foram sistematizados em: compreender o perfil dos estudantes oriundos da EJA inseridos no Centro de Formação de Professores, identificar as dificuldades enfrentadas na Educação de Jovens e Adultos para o ingresso na Educação Superior e verificar os sentidos e expectativas dos estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos em cursarem uma formação superior.

Na metodologia do trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa, por representar e caracterizar os caminhos metodológicos percorridos na perspectiva de apresentar resultados que vão além da quantificação e mensuração, implicando em um tratamento do processo vivido, das narrativas e das expressões. A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano (MARCONI e LAKATOS, 2010).

Esse tipo de procedimento torna possível uma análise mais detalhada e com um grau de complexidade mais profundo, para melhor entender os aspectos e as particularidades do objeto da pesquisa, pois a abordagem qualitativa permite avaliar de forma cuidadosa os processos de pesquisa do que o próprio resultado.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas com os sujeitos empíricos, em seguida, foi realizada a análise dos dados dialogando com os teóricos que interagem sobre a temática.

Em toda a pesquisa foram utilizadas como referências básicas: Haddad e Di Pierro (2000), Freire (2005; 2011), Oliveira e Sales (2012), Santos (2014), Paiva (1973), Gadotti (2008), Souza (2016), Silva (2010, 2016), Pontes e Clark (2016), Ferreira e Garcia (2014), entre outros autores que contribuíram para maior discussão e respaldo teórico da investigação.

Buscando uma melhor compreensão sobre o tema em estudo, fizemos um levantamento na Biblioteca do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo do Estado da Bahia (UFRB), pesquisas nas monografias escritas nos últimos anos tendo objeto de discussão voltado para a Educação de Jovens e Adultos e foi observado que embora existam alguns trabalhos sobre o tema em pauta, nenhum deles traz como foco o ingresso dos estudantes da EJA no ensino superior. Dos onze trabalhos analisados destacamos as abordagens relacionadas ao processo de alfabetização (Santos, 2012) e (Santos, 2017), currículo e diversidade (Santos, 2012), juventude e educação (Oliveira, 2012) e (Sodré, 2017), avaliação (Bastos, 2014), saberes do professor da EJA (Conceição, 2014), Gestão e Organização do trabalho pedagógico (Silva, 2014), saberes matemáticos dos estudantes (Santos, 2017), Narrativas de Tradição Oral (Santos, 2015) e Aspirações ao Ensino Superior dos Jovens (Oliveira, 2012). Apenas este último apresenta uma pequena semelhança ao objeto de estudo em pauta por realizar uma investigação que busca despontar quando os projetos de vida, os sentidos e as incertezas revelam as perspectivas de futuro dos jovens. Assim, de todos os trabalhos analisados nenhum deles discutem, efetivamente, sobre o nosso objeto de estudo, portanto esta será uma discussão nova e de extrema relevância para mim enquanto pesquisadora e profissional da área, para o município, *lôcus* da pesquisa e para o contexto acadêmico.

Diante do levantamento, percebemos que ainda existem inúmeras questões a serem discutidas e estudadas acerca da temática, assim, não temos a pretensão de afirmar que esta pesquisa responderá todas estas questões, mas tem como diferencial, a inquietação de discorrer sobre o

Ingresso de estudantes Jovens e Adultos no Centro de Formação de Professores: Sentidos, desafios e Perspectivas.

Como forma de organizar os conteúdos, o presente trabalho contempla, além da introdução, cinco capítulos: o segundo, apresenta uma abordagem sobre a Educação de Jovens e Adultos: lutas, histórias e conquistas, trazendo primeiramente a Educação de Jovens e Adultos no seu movimento histórico conceitual, logo após, ainda no primeiro capítulo, discute a modalidade em pauta no contexto atual apresentando um questionamento: momento de avanço ou retrocesso?

O terceiro capítulo discute sobre a Educação de Jovens e Adultos: sentidos desafios e perspectivas, buscando compreender os sentidos da educação no processo de emancipação do sujeito, e os desafios enfrentados na educação de jovens e adultos. Já o quarto capítulo faz uma abordagem a educação superior no Brasil, da elitização para a democratização, bem como discute sobre a universidade, suas origens históricas e trajetórias e os desafios da universidade no momento atual.

O quinto capítulo, apresenta o caminho metodológico da investigação, com a caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa, abordagem qualitativa, procedimento de recolha de dados e análise do conteúdo. E, por fim, o sexto capítulo, que apresenta os achados da pesquisa, intitulado o campo empírico em cena. Neste capítulo, são discutidos os seguintes pontos: estudantes da EJA no CFP: quem são? O que nos revelam? Estudantes da EJA no CFP: sentidos e desafios da formação e, por fim, expectativas de uma formação mesmo que “tardia”: com a palavra, os estudantes.

2- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: LUTAS, HISTÓRIAS E CONQUISTAS

Neste capítulo abordaremos, de maneira sucinta, a trajetória da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto brasileiro fazendo uma reflexão sobre essa modalidade de ensino, ressaltando as mudanças ocorridas até o momento atual. Sendo assim, o capítulo será dividido em duas partes, a primeira será a Educação de Jovens e Adultos no seu movimento histórico, legal e conceitual que vai abordar as características históricas da EJA desde o período colonial até chega a atualidade. Já a segunda abordagem vai debruçar sobre a Educação de Jovens e Adultos no contexto atual, trazendo uma reflexão: momento de avanço ou retrocesso?

2.1 - A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO SEU MOVIMENTO HISTÓRICO, LEGAL E CONCEITUAL

A educação é um caminho fundamental na vida, ela traz conhecimentos tanto para a vida profissional quanto social pois, é a porta de entrada para se constituir um sujeito crítico e capaz de refletir sobre suas ações, podendo contribuir democraticamente nas decisões da comunidade em que faz parte. Como cita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no seu Art.1º a educação tem uma ampla abrangência que contempla “[...] os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). Por esse motivo, a educação deve ser constituída e pensada para todos, crianças jovens adultos e idosos.

Nesse sentido, ao abordar sobre o ingresso de estudantes da Educação de Jovens e Adultos no ensino superior é preciso fazer um resgate no tempo sobre as trajetórias de vida dos sujeitos, as dificuldades e conquistas vivenciadas, pois sabe-se que o ensino público no Brasil, tem um percurso árduo, principalmente, para as classes desfavorecidas que a tempos atrás era

limitado até o acesso ao ensino básico. Indo por esse sentido, faz-se necessário trazer um pouco da história da Educação de Jovens e Adultos.

Fazer um passeio histórico na Educação de Jovens e Adultos, implica em voltar ao período colonial, pois é exatamente neste momento que acontece a primeira iniciativa de educação para as pessoas jovens e adultas por meio da catequese jesuítica que teve como objetivo a obediência, a difusão da religião católica e de cultura ocidental neste país como aponta (JURENILDA OLIVEIRA e SHEILA SALES 2012,)

No campo dos direitos legais, a primeira Constituição brasileira, de 1824, firmou, sob forte influência européia, a garantia de uma “[...] instrução primária e gratuita para todos os cidadãos”, portanto, também para os adultos Haddad e Pierro (2000). Apesar disso, esses sujeitos passaram por muitas dificuldades, pois não foi fácil para eles alcançarem esses objetivos; foi preciso continuar lutando, pois o que se pensou em educação continuava sendo um regime excludente, como aponta Sérgio Haddad e M^a Clara DI Pierro (2000).

Em primeiro lugar, porque no período do Império só possuía cidadania uma pequena parcela da população pertencente à qual se admitia administrar a educação primária como direito, do qual ficavam excluídos negros indígenas e grande parte das mulheres. Em segundo, porque o ato adicional de 1834, ao delegar a responsabilidade por essa educação básica às Províncias, reservou ao governo imperial os direitos sobre a educação das elites, praticamente delegando à instância administrativa com menores recursos o papel de educar a maioria carente. (p.109)

Apesar da existência de leis que tentassem “erradicar” o analfabetismo, a exclusão social continuava sendo grande, desfavorecendo a população de maneira preconceituosa e racista como afirma Márcia Santos (2014).

Além desta lei ter sido interpretada como direito apenas para crianças, existia uma contradição no conceito de cidadão, pois no período do Império os negros, indígenas e grande parte das mulheres não eram considerados cidadãos. Mesmo com o direito à escolarização garantido, esta lei não passou do plano das intenções, e pouco ou quase nada foi feito para que houvesse de fato sua concretização. (p.16)

Os apontamentos apresentados por Haddad e Pierro (2000) e reafirmados por Santos (2014) revelam uma realidade excludente no período

colonial onde negros, mulheres e índios não tinha direito à cidadania, vale ressaltar que o preconceito ainda é presente na atualidade, pois apesar das lutas das mulheres para ter direito ao trabalho ainda recebe menos que os homens, os índios são mortos sem nenhum respaldo tendo suas terras invadidas, e os negros ainda são vítimas do racismo constantemente, são discriminados, sendo tratado como seres inferiores. Existiam ainda muitos obstáculos para que se garantisse a efetivação da educação, tendo em vista que a sociedade tinha grandes lacunas e sem as condições de arcar com necessidades básicas, uma vez que as pessoas, por serem adultas e com muitas responsabilidades, inclusive financeiras, buscou-se o regulamento que garantisse uma estabilidade para educação mas que não foi bem sucedido.

De igual modo, o Regulamento de 1854, também não foi efetivamente cumprido. Este estabelecia que toda a educação fosse mantida pelos cofres públicos, se responsabilizando inclusive por materiais didáticos necessários e pela criação de classes para a educação de adultos (VANILDA PAIVA, 1973). Aumentando ainda mais as dificuldades para que se tivesse uma educação, em 1870 é que começam a se pensar novamente sobre

[...] interesses para com a educação elementar. Nesse contexto, são instauradas as Escolas Noturnas, em 1876, destinadas a jovens e adultos. E estas, embora funcionem de maneira irregular e em situação precária, podem ser compreendidas com uma das primeiras iniciativas políticas para EJA. (OLIVEIRA e SALES, 2012, p.44)

Mesmo com essa iniciativa, associada a proclamação da república e o momento que finaliza a monarquia³, o que se espera do avanço educacional não acontece, pois o feudalismo⁴ estava muito influente nessa época. Os democráticos-republicanos⁵ esperavam a expansão do ensino popular o que acabara não se realizando.

³ Monarquia é o nome dado ao regime político comandado por um *monarca* (rei, imperador, príncipe, etc.) que exerce de modo hereditário e vitalício, sem qualquer consulta ao povo. SANTIAGO S/A.

⁴ Feudalismo é um modo de produção ou a maneira como as pessoas produziam os bens necessários para sua sobrevivência. Durante a Idade Média, este foi um sistema de organização social que estabelecia como as pessoas se relacionavam entre si e o lugar que cada uma delas ocupava na sociedade. SILVESTRE S/A

⁵ Democratas esta voltada ao progressismo. Usa-se também a expressão liberal (em inglês) para definir a ideologia dos democratas, mas não é liberal no sentido do liberalismo clássico britânico. É liberal no sentido da esquerda progressista, inclinada a políticas de ações

Com isso, os sujeitos jovens e adultos não alfabetizados acabavam ficando cada vez mais a margem da população, servindo apenas para o trabalho braçal e sendo excluídos de seus direitos como revelam Oliveira e Sales (2012).

Em 1882, a lei Saraiva proíbe o voto do analfabeto, momento em que a escolarização é associada à possibilidade de ascensão social e o analfabetismo à incapacidade e incompetência. Essa é concepção vigente nesse período, a respeito do jovem e do adulto que não sabe ler e escrever. (p.4)

A referida lei reafirma o grande estigma e exclusão perpetuados historicamente as pessoas não alfabetizadas: um ato totalmente desumano e preconceituoso, tirar o direito do cidadão de participar da democracia do país o que ocasiona uma exclusão social, É como que todas as experiências e saberes que essas pessoas trazem ao longo de sua trajetória não tivessem valor algum, e apenas os conhecimentos por meio formal fossem os importantes.

Nesse contexto, no “[...] final do século XIX e início do século XX, o índice de analfabetismo no Brasil era assustador. O censo de 1890 indica a existência de 85,2% de analfabetos na população total do país” (Oliveira e Sales, 2012, p.45). Uma constatação preocupante tendo em vista que é mais da metade da população o que sugere pensar em medidas que possa solucionar essa lacuna.

Nesse sentido, as discussões acerca da centralização sobre a educação nacional começam a ser articuladas, mas sem muito sucesso, somente no século XX pode ser evidenciada com a Lei nº 1617, de 30 de dezembro de 1906, que “[...] autorizava o governo central a ajudar com um quarto dessas despesas os Estados que já despendessem 10% de suas receitas com o ensino primário”. PAIVA, (1987, p. 87) *apud* OLIVEIRA e SALES (2012, p. 45). Ainda seguindo essas autoras, em 1940, elevam-se os índices de analfabetismo no país o que leva o governo a criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta não alfabetizada (OLIVEIRA E SALES, 2012, p. 48).

afirmativas, de assistencialismo social etc. Republicano, nos EUA, possui um perfil mais inclinado ao conservadorismo político e ao liberalismo econômico no sentido clássico. Aos republicanos, desse modo, são atribuídos qualificativos como *conservative* (conservador). FERNANDES S/A

Com o alto índice de analfabetismo do país e o fim da era Vargas, passou-se a ter um olhar mais voltado para a Educação de Jovens e Adultos e foi nesse período que foi criada a Organização das Nações Unidas para a Ciência e Cultura (UNESCO). No que refere-se a educação é Para todos, promovendo o acesso e a qualidade da educação em todos os níveis e modalidades, incluindo a Educação de Jovens e Adultos. Com essa iniciativa, a situação do país pode ser mostrada aos demais países, e assim torna possível a mudança da situação educacional da sociedade em especial para os jovens e adultos. E conforme aponta, Madalena Mendes e Paula Lindeza (2011)

Em 1949, realizou-se, na Dinamarca, em Elsinore, a primeira Conferência de Educação de Adultos, sob a égide da Unesco, contribuindo, desse modo explícito, para a visibilidade e a expansão da educação de adultos e para da cooperação internacional nesse domínio. (p.170)

Nesse período vão sendo criados vários programas com o intuito de acabar com o analfabetismo. Dava-se então, início as campanhas para alfabetizar os jovens e adultos. Assim, em 1947 foi criada a Campanha de Educação para Adolescentes e Adultos (CEAA) que foi organizado pelo professor Lourenço Filho. Essa Campanha foi construída para combater a marginalização em que os adultos analfabetos estavam sujeitos, Campanha de Educação Rural, criada em 1952 e Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958. Essas atuações ajudaram, de forma significativa, o processo de redução do analfabetismo no Brasil

Tendo em vista que a maioria da população de pessoas não alfabetizadas era da zona rural, a CEAA foi direcionada as comunidades rurais. Nos primeiros anos da campanha, obteve-se grande êxito com um número significativo de pessoas matriculadas, mas com o passar dos anos, sobretudo a partir de 1954, com a precariedade do ensino decorrente do mal pagamento dos professores, a evasão dos alunos, entre outras séries de fatores, a Campanha começa um período de decadência.

Na tentativa de se reerguer a CEAA, é criado em 1957 o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), com objetivo de alfabetizar grandes números de pessoas, mas a escassez de recursos e a precariedade nos resultados trazem a decadência e fim do Sistema. Assim em 1963 a CEAA acaba sendo extinta (PAIVA, 1973 apud SANTOS, 2014, p.12)

A Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), que era vinculada a CEAA, da qual se desvinculou e tornou-se independente, pensava-se que essa poderia resolver os problemas através da educação. Com isso Haddad e Di Pierro apontam que. (2000)

Já em 1958, quando da realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, ainda no contexto da CEAA, percebia-se uma grande preocupação dos educadores em redefinir as características específicas e um espaço próprio para essa modalidade de ensino. Reconhecia-se que a atuação dos educadores de adultos, apesar de organizada como subsistema próprio, reproduzia, de fato, as mesmas ações e características da educação infantil. (p.112)

Além da infantilização desse sujeito, o conhecimento informal do adulto não era valorizado em momento algum, uma vez que “até então, o adulto não-escolarizado era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária, percepção esta que reforçava o preconceito contra o analfabeto” (PAIVA 1973, p. 209). Este preconceito sinalizado por Paiva (1973), infelizmente ainda é bastante visível nos tempos atuais, uma vez que o conhecimento popular que o jovens e adultos traz em sua bagagem não tem seu devido valor, embora essa questão do reconhecimento das experiências serem sempre discutidas, quando se fala da educação de jovens e adultos, busca-se sempre uma maneira de incluir na formação dos profissionais a ressalva dos conhecimentos que esses sujeitos já possuem.

Nesse sentido, esse debate precisa continuar sendo reafirmado na busca por valorizar o conhecimento de mundo que todos os sujeitos já trazem das suas trajetórias. Entretanto, conforme ponderado por Santos (2014), a CNER (A Campanha Nacional de Educação Rural) não obteve tanto êxito, pois em algumas comunidades a Campanha não pode ser implantada porque as atividades por ela desenvolvidas poderiam prejudicar o equilíbrio das forças políticas nestes locais. E nas comunidades onde as campanhas estavam implantadas foram desinstaladas pois estava tendo conflitos com o poder político onde acabou sendo eliminada em 1963 (SANTOS, 2014)

Apesar dessas campanhas não terem permanecido, elas possibilitaram que voltassem um olhar para os Jovens e Adultos não alfabetizados que eram

vítimas das mazelas do país, considerado incapaz, marginalizado e sofrido com esse sistema excludente que perpassa pelo país. Foi nesse viés que, segundo Santos (2014), a história da Educação de Jovens e Adultos foi marcada qualitativamente com a difusão do pensamento de Freire no II Congresso nacional de Educação de Adultos o qual buscava novas orientações para o fortalecimento dessa educação.

Para Santos (2014), Paulo Freire não concordava com a educação pensada na época, ou seja, o adulto como um mero receptor e o professor como o transmissor do saber, uma educação bancária⁶ duramente criticada por Freire (2014). Foi nesse período que, partindo dessa perspectiva, o que se pensava sobre esses sujeitos não alfabetizados mudou. Assim, o analfabetismo deixou de ser visto como causa da pobreza e passou a ser compreendido como consequência⁷. Esse momento histórico da EJA, passou a ser visto por outro viés, com suas características próprias, portanto, aberta a novas práticas pedagógicas. No entanto as ideias de Freire de possibilitar uma educação onde o sujeito reflita, não agradou muito os governantes da época, os quais buscavam apenas que os adultos aprendessem ler e escrever no intuito de ser especializado apenas na mão de obra, sem nenhum direito de reflexão estando sempre submisso. Nessa ocasião foram surgindo novas campanhas e movimentos com foco na Educação de Jovens e Adultos. Dentre esses Santos (2014) aponta.

[...] a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) no final dos anos 50, que buscava mostrar a educação como possibilidade modificadora da condição de vida dos envolvidos neste processo, indo além, da decodificação das letras; o Movimento de Cultura Popular (MCP) de 1960 em Recife cujo objetivo era a criação de escolas para a população, sendo aproveitados os espaços de associações, igrejas ou mesmo salas esportivas; a campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler criada de emergência pelo Ministério da Educação na cidade de Natal em 1960 com o intuito de atender à parte da população mais pobre.(p.18)

⁶ Conceito defendido por Freire (2014) que para Freire a educação bancária é aquela em que o aluno não sabe nada e o professor é o detentor do saber aquele que deposita nos alunos o conhecimento em contraponto a Educação Libertadora que diz que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” Freire(2014)

⁷ O analfabetismo passou a ser considerado consequência, uma vez que o sujeito não tem condições de se manter e manter sua família ele deixar de estudar para trabalhar, e assim sua perspectivas de melhora diminuiu e a pobreza e desigualdade só aumenta.

O caminho em busca pela Educação de Jovens e Adultos foi intenso como vemos em todo seu percurso histórico, perpassando por vários movimentos e campanhas. Ainda nesse contexto vale citar também a cruzada ABC de iniciativa da igreja Protestante, do ano de 1962 que foi, segundo Oliveira e Sales (2012), impedida de atuar em 1964 após o golpe militar e votando a ativa nesse mesmo ano com a ajuda de instituições nacionais e internacionais. Ainda seguindo a afirmação dos autores supracitados, em um período antes do golpe militar o presidente João Goulart convidou Paulo Freire para coordenar o Plano Nacional de Educação (PNE) que tinha o objetivo de alfabetizar, conscientizar e politizar cerca de cinco milhões de adultos em dois anos.

Freire tendo a possibilidade de por em prática as suas ideais sobre a educação não como um mero aprender as letras, mas consciente da realidade social, refletindo sobre suas ações e possibilitando uma educação que valorizasse também os sujeitos, sua trajetória de vida e sua cultura popular. Porém, com o golpe militar Paulo Freire é exilado e a educação sofre também um golpe no sentido de se ter uma educação que conscientize os sujeitos para esse trabalho. Com isso o governo acaba ficando no controle e só permitiu programas de alfabetização de adultos com características assistencialista e conservadora, em 1967 ele assume o controle da atividade e lança o Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização. MARIA CUNHA (1999)

A atuação do Mobral voltou-se, inicialmente, para a população analfabeta entre 15 e 30 anos. Por outro lado, objetivou sua atuação em termos de “alfabetização funcional”, definindo que ela deveria visar “a valorização do homem (pela aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo e pelo aperfeiçoamento dos processos de vida e trabalho) e a integração social desse homem, através do seu reajustamento à família, à comunidade local e a pátria” (p.13)

O Mobral teve em sua estrutura uma metodologia semelhante à usada por Freire, mas com conteúdo tecnicista, não havia problematização crítica, afinal não era isso que importava para o governo militar na época. “O governo desejava obter grandes números, com uma meta de alfabetizar 11,4 milhões de pessoas em quatro anos e erradicar o analfabetismo em oito anos.” (SOUZA, 2016, p. 23). Nessa reflexão a conclusão de que o que importava para o

governo era apenas forma mão de obra só faz se fortalecer com a maneira que se constituía as formas de educação do governo e conforme se pensou no Mobral. Com tudo o Mobral se expandiu bastante pelo país tendo um foco grande no nordeste, não podemos deixar de reconhecer que o Mobral foi importante para Educação de Jovens e Adultos, pois foi um momento de propagação da EJA no país.

Ao passar do tempo na década de 80 foi ocorrendo várias movimentações sociais e grandes mobilização da sociedade, foi nesse período mesmo que o Mobral acabou sendo extinto em 1985 e em seu lugar foi criado a Fundação Educar com isso houve muitos avanços, entre esses foi o direito ao ensino fundamental para adultos. “Esta Fundação deveria desenvolver programas para aqueles que não tiveram acesso à escola”. Vinculada ao MEC, recebeu o apoio técnico e financeiro das prefeituras e deu autonomia a entidades civis, iniciativas de governos e outras empresas para que dirigissem seus próprios programas (SANTOS, 2014, p. 20). Corroborando com as reflexões, Haddad e Di Pierro (2000) destacam:

Uma das medidas adotadas em março de 1990, logo no início do governo Fernando Collor de Mello, foi a extinção da Fundação Educar. Esse ato fez parte de um extenso rol de iniciativas que visavam ao “enxugamento” da máquina administrativa e à retirada de subsídios estatais, simultâneas à implementação de um plano heterodoxo de ajuste das contas públicas e controle da inflação. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 112)

Com extinção da fundação Educar as responsabilidades de educar jovens e adultos ficou para os estados e municípios sendo assim eles seriam os responsáveis pelas matrículas os municipais pela matrículas nas series iniciais e o Estado pelas matrículas do segundo período do fundamental e do médio. Santos, (2014)

Com a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) foram criados alguns programas federais de Educação de Jovens e Adultos que contribuíram significativamente na redução do analfabetismo, sendo eles: a) o Plano Nacional de Formação do Trabalhador criado em 1995 que se destinava à qualificação profissional, não substituindo o ensino básico; b) o Programa Alfabetização

Solidária (PAS) de 1996, coordenado pelo conselho de Comunidade Solidária, cujo objetivo era reduzir o índice de analfabetismo até o final do século e, c) o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) de 1998, articulado pelo Conselho de Reitores e o MST. (p. 20).

Entre esses programas trago a atenção para o Programa de Alfabetização Solidária (PAS) criado pelo governo Fernando Henrique Cardoso, que trata a educação de jovens e adultos como uma questão solidária e não como dever que seria tentar sanar as lacunas que a sociedade tem em não fornecer educação igualitária a todos. Como Moacir Gadotti (2008) também destaca.

Entender a educação de adultos como um ato de “solidariedade” é concebê-la como um ato humanitário, generoso, voluntário, muito desejável, mas não como uma modalidade da educação básica. A alfabetização de adultos não pode ser concebida como uma questão de solidariedade. É uma questão de direito social. É que foi negado ao analfabeto na infância e na adolescência. O Estado deve garantir esse direito. O Brasil tem uma grande dívida social em relação aos adultos brasileiros analfabetos. (p.42)

E nesse pensamento de Gadotti que pode se afirmar que o analfabetismo é sim um problema social brasileiro e que de hipótese alguma pode ser um mero ato solidário, onde a educação foi negada a esses a os brasileiros por muitos anos nesse período foi criado também o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) um programa do governo federal e do Movimentos dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Que sobre vive até os dias atuais ao contrário do PAS, que teve seu fim junto com o governo que o criou.

O PRONERA é uma forma de alfabetização inicial para trabalhadores rurais assentados, pessoas que são totalmente analfabetos, aos quais oferece curso com um ano letivo de duração, tendo também Universidades parceiras que proporcionam a formação de alfabetizadores (HADDAD e DI PIERRO, 2000).

2.2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO ATUAL: MOMENTO DE AVANÇO OU RETROCESSO?

A educação de jovens e adultos vem sofrendo altos e baixos no decorrer dos anos, apesar de estar garantida na Constituição, muitas pessoas ainda não são contempladas com direitos básicos a que são destinados, ficando a margem dos direitos e de exercerem sua cidadania. No entanto, existe sim uma persistência, uma luta incansável para que consigam letrar-se, de conseguir respeito e terem um futuro melhor.

Nesse sentido, também abordamos que a luta continua ao passo que o governo vai sendo modificado. Em 2003 com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a alfabetização de jovens e adultos torna-se prioridade da nova administração assim como afirmam Oliveira e Sales 2012. Logo no início da gestão do presidente foi estabelecido o Programa Brasil Alfabetizado com o objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil. No entanto, não adotou uma metodologia nova conforme aponta Oliveira e Sales (2012).

O programa Brasil alfabetizado, no entanto instituído pelo governo Lula, não adota uma nova metodologia e o governo federal passa a apoiar os programas já em andamento, inclusive o Alfabetização Solidária, evidenciando sua intenção de prosseguir nas parcerias com as organizações sociais: empresas, instituições de ensino superior e pesquisa, além de governos estaduais e municipais. (p.62)

Ainda nesse pensamento Haddad (2006) na mesma linha de raciocínio acrescenta que não houve um acréscimo de metodologia, mantendo apoio os programas existentes como a alfabetização solidária, com o objetivo de manter suas parcerias as empresas, instituições, e organizações da sociedade civil. Porém, foi no governo Lula que a educação de jovens e adultos ganhou espaço e passou a ter mais visibilidade, criando no ano de 2004 a Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade (SECAD).

Com essa secretaria a EJA foi consolidada, e nessa perspectiva outros programas também foram implementados como o Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade

de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), Programa Nacional do livro didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), anos mais tarde em 2007 foi criado o programa Todos pela Alfabetização (TOPA), esse programa mais especificamente foi criado e direcionado ao Estado da Bahia, conforme revela Santos (2014):

O TOPA é desenvolvido em parceria com prefeituras municipais, instituições de ensino superior, entidades não-governamentais e organizações sociais. Por meio dessas parcerias são realizadas diversas ações no intuito de se cumprir eficazmente os objetivos do programa. (p.21)

Apesar do TOPA ter sido desenvolvido no intuito de auxiliar os baianos, ainda tem deixado algumas brechas como as campanhas antigas que tinham esse mesmo objetivo, não só no TOPA mais como em todo meio educacional tem muitas falhas como formação pedagógica, e melhores salários. Embora todas estas questões de “uma trajetória educacional composta de ganhos e perdas, sucessos e retrocessos, o cenário atual da Educação de Jovens e Adultos se expandiu e vai além do ofício de alfabetizar” segundo Santos 2014. Nesse sentido, a EJA vem se modificando ao passar do tempo e sendo pensada para ir a diante, além do ler e escrever, podendo pensar em uma educação que dê continuidade a seus estudos.

Apesar desse avanço no pensamento, a luta por erradicar o analfabetismo continua persistindo e a educação de jovens e adultos como programa que permite aos jovens, adultos e idosos a estudarem é muito válido. Mas, não se pode deixar de relatar que todos os programas de alfabetização que buscam justamente uma recuperação da oportunidade de estudar perdida a muito tempo atrás, poderiam não ser necessário se não existisse desigualdades sociais e as diferenças de classes, que acabam sendo uma das causas que mais contribuiu para a grande taxa de analfabetismo no Brasil.

Nesse sentido, é de fundamental importância destacar as políticas públicas que apesar da educação de Jovens e Adultos necessitar de muita atenção ainda vale apontar aqui alguns avanços das políticas que enfatizam a EJA, uma delas é a Constituição Federal 1988. Nela aponta-se que

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, 1988).

A Constituição de 88 trouxe uma contribuição muito importante para EJA pois, a partir dela que começam a se pensar em leis que fortaleceram e garantiram legítima a educação de jovens e adultos, a Constituição tem como objetivo de erradicar o analfabetismo, nesse sentido a União iria custear recursos para tal. Anos mais tarde foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN 9394/96, essa lei aborda artigos que fortalece a EJA sendo eles: BRASIL, 1996.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º. Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º. Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (p. 41)

Ter uma garantia por Lei, é necessário pois é um avanço muito grande quando se faz uma volta ao passado onde foram inúmeras tentativas de se

obter uma educação que fosse destinada a EJA, várias campanhas e projetos, tentativas de se efetivar essa modalidade. Sendo assim, é importante falar dos avanços. Observemos o que diz o plano Nacional de educação sobre a EJA. BRASIL,2001.

(...) não basta apenas ensinar a ler e escrever. Para que a população se torne cidadãos e melhore sua qualidade de vida, ampliando suas oportunidades no mercado de trabalho a educação de jovens e adultos deve compreender no mínimo, a oferta de uma formação que equivalem as oito series iniciais do ensino fundamental. (p.100)

Se a modalidade de educação de jovens e adultos foi pensada no intuito de fazer uma reparação numa falha na educação, nesse caso nada mais plausível que a mesma seja completa como foi citado no Plano Nacional de Educação que tenha um ensino minimamente equivalente ao ofertado nas séries regulares do ensino fundamental, pois a modalidade da educação de jovens e adultos deve ser pensada como um ensino que permitirá ao sujeito inserido na EJA a continuação dos estudos. (Brasil, p.100, 2001)

De acordo com a Carta Magna (art.208,I), a modalidade de ensino educação de jovens e adultos, no nível fundamental deve ser oferecida gratuitamente pelo Estado a todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. Trata-se de um direito público subjetivo (CF,art.208,§1º) BRASIL,2001,p.1

De acordo com a Carta Magna o ensino para os jovens e os adultos deve ser ofertado para todos que não tiveram acesso de forma gratuita na idade adequada. Nesse sentido, os sujeitos jovens e adultos necessitam de uma educação que vise sua emancipação como sujeito e cidadão de direito.

3- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SENTIDOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O capítulo em questão aborda a Educação dos Jovens e Adultos como um modelo de educação que busca a emancipação dos sujeitos inseridos, tendo em vista, os desafios, as perspectivas e os sentidos atribuídos, em busca da garantia dos saberes necessários para uma vivência e participação social autônoma, bem como, um espaço mais valorizado no mercado de trabalho. Para tanto, o capítulo também destaca os difíceis caminhos trilhados pelos sujeitos da EJA em busca de um direito que foi historicamente negado e mesmo com todos os desafios conseguem alternativas que possibilitem a sua inserção na Educação Superior.

3.1. OS SENTIDOS DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos tem uma longa luta em busca de garantir os seus direitos. Esta vem desde as várias campanhas e as implantações das leis que visam à valorização dessa modalidade de ensino. Neste sentido, a questão que será abordada se tece na perspectiva de compreender qual sentido essa educação fará na vida desses sujeitos e como poderá possibilitar uma educação que vise à emancipação, pois o que está em tese é como esses sujeitos estão constituindo sua posição crítica e reflexiva e como a EJA está possibilitando esse processo.

Os sujeitos no qual estamos abordando, são aqueles que buscam um direito básico que lhes foi negado, uma posição social que, para avançar, necessita da educação escolar, por isso a urgência de garantir a inserção e possibilidade de permanência com qualidade e não apenas preenchendo lacunas, mas possibilitando uma constante busca da sua emancipação. Neste sentido, a escola precisa compreender que deve ser construída num ideal de democracia visando contemplar todos os sujeitos que serão formados por ela.

Assim, há necessidade da instituição escolar ser constituída por bases mais democráticas, as quais todos os membros trabalhem por um bem comum sendo eles sujeitos da EJA ou não, pois não pode haver dois tipos de ensino. Nesse sentido, Gadotti defende uma gestão democrática que busque uma mudança de concepção de todos da comunidade escolar, mudanças essas “[...] que deixam de lado o preconceito que a escola pública é do estado e não da comunidade. A gestão democrática sugere que a comunidade os que usam a escola sejam os dirigentes e gestores e não fiscais e receptores” (GADOTTI,1994, p. 2).

Sendo assim, todos são responsáveis pela educação escolar, sobretudo, o sujeito da EJA que é também pertencente desse lugar, e necessita ser respeitado e ter seus direitos garantidos. Em primeiro plano é fundamental garantir uma qualidade na educação, por isso há necessidade de pensar estratégias que visem melhorias, e um dos pontos principais para os avanços é a gestão democrática, como destaca Gadotti (1994):

[...] a escola deve formar para a cidadania e, para isso, ela deve dar o exemplo. A gestão democrática da escola é um passo importante no aprendizado da democracia. A escola não tem um fim em si mesma. Ela está a serviço da comunidade. Porque a gestão democrática pode melhorar o que é específico da escola: o seu ensino. A participação na gestão da escola proporcionará um melhor conhecimento do funcionamento da escola e de todos os seus atores; propiciará um contato permanente entre professores e alunos, o que leva ao conhecimento mútuo e, em consequência, aproximará também as necessidades dos alunos dos conteúdos ensinados pelos professores (p. 2).

Ainda nessa perspectiva, Freire (2001) aponta a necessidade de garantir nas instituições a ética e uma postura substancialmente democrática, uma vez que a educação não é neutra e exige posicionamentos. Nas suas palavras destaca:

[...] não sendo neutra, a prática educativa, a formação humana, implica opções, rupturas, decisões, estar com e pôr-se contra, a favor de algum sonho e contra outro, a favor de alguém e contra alguém. E é exatamente este imperativo que exige a eticidade do educador e sua necessária militância democrática a lhe exigir a vigilância permanente no sentido da coerência entre o discurso e a prática. Não vale um discurso bem articulado, em que se defende o direito de ser diferente e uma prática negadora desse direito. (p.21)

É importante levar em consideração esses apontamentos, uma vez que visa uma educação que pensa em um ensino voltado para cidadania, para que os sujeitos possam se perceber protagonistas daquele meio, respeitando direitos e deveres a serem cumpridos.

Essa questão passa por uma série de fatores e um deles é compreender que há um sentido por traz das lutas dos sujeitos da EJA que é uma educação de qualidade, pois anseiam uma maior participação e intervenção na sociedade a fim de conquistar seus objetivos, e, para isso ainda tem um longo caminho a ser percorrido, pois “é preciso mesmo brigar contra certos discursos pós-modernamente reacionários, com ares triunfantes, que decretam a morte dos sonhos e defendem um pragmatismo oportunista e negadora Utopia” (FREIRE, 2001.p.17).

E porque não unir os sonhos, desejos e lutas para essa nova educação? Essa deve ser uma luta de todos que acreditam em uma educação melhor e reconhecem a força do seu poder de participação. Essa luta deve começar, principalmente pela juventude, que, como defende Lins (2011)

Espera-se que os jovens tenham responsabilidades decorrentes de um trabalho fixo e remunerado, que assumam encargos com a família e, ainda, as despesas com habitação e provisão. Quando essa expectativa não é atendida, a juventude se transforma em uma questão social, fato que vem ocorrendo atualmente, visto que a humanidade está submetida ao desemprego, à flexibilização e à precarização nas relações de trabalho, características fundamentais de uma sociedade regida pela lógica do capitalismo. (p.1)

Dessa maneira, compreende-se que os jovens que estão na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, vivenciam esse contexto, e carregam consigo anseios e desejos que estão presentes em suas vidas e são levados para onde forem, inclusive para a escola. E com todas as suas fragilidades a educação ainda permanece sendo a principal saída para mudar esse cenário. Já na fase adulta é atribuída ao sujeito responsabilidades, deveres e muitas cobranças, a qual Lins, (2011) destaca como:

[...] o tempo da adultez nos remete para a etimologia da palavra adulto. De origem latina *adultus*, significa aquele que terminou de crescer. O conceito tradicional de adulto ampara-se na idéia de maturidade alcançada e de realização definitiva.

Tem o sentido de estatuto a atingir, de alcance de estabilidade na vida familiar, financeira e pessoal. Essa representação do ser adulto é estática, linear e carrega consigo uma carga de negatividade muito grande, à medida que vem acompanhada de responsabilidades financeiras, profissionais e familiares e tem como características relevantes: as rotinas, o agir por obrigação, o fato de não ter prazer, de ter problemas e de ter que adotar posturas e atitudes sérias e formais. (p.40)

São muitas as atribuições dadas aos adultos como se tivessem que carregar o peso da idade nos ombros, tendo que cumprir responsabilidades que vão sendo adquiridas no decorrer da sua vida e mais uma vez, para conseguir alcançar seus sonhos buscar a escola novamente e persistir na realização do desejo de poder vislumbrar o mundo com seus próprios olhos, e, a partir de então, poder ir mais além, buscando sua emancipação.

Os Jovens e adultos que vivenciam ou vivenciaram a modalidade EJA procuram um meio de permanecer na batalha, pois querem conseguir alcançar os objetivos que durante toda sua trajetória esperaram.

Portanto, falar sobre emancipação dos sujeitos é refletir sobre o quanto os seres humanos avançaram em relação a tornar-se seres críticos e reflexivos. Não podemos esquecer que esta também é uma conquista política. E quando falamos de sujeitos que vêm da Educação de Jovens e Adultos - que tem toda uma trajetória de vida marcada por opressões, preconceitos e precariedades, caracterizada por uma sociedade excludente - estes devem sempre buscar a superação e os caminhos para emancipar-se. E nesse caminho não tem como não se remeter as reflexões de Paulo Freire (2014), o qual aponta em seu livro pedagogia do oprimido:

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-lo, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (p.41).

Busca assim refletir, como o sofrimento dos oprimidos leva-os a lutar contra seus opressores, mas não numa lógica opressora, de se tornarem também opressores, mas que busquem retomar a humanidade nas pessoas. Para desfazer essa visão de negatividade em torno da modalidade da Educação de Jovens e Adultos é necessário entender a essência desses

sujeitos, eles não são apenas pessoas que evadiram da escola ou que não tiveram acesso à escola. Esses sujeitos levam consigo experiências de descasos e desigualdades sociais onde o capital é sempre preponderante. Nesse sentido Nilda Santiago (2014) aponta que:

Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos torna-se importante por exigir uma perspectiva diferenciada: uma educação que atenda também aos excluídos e marginalizados, tanto do sistema educacional quanto da sociedade, pois se percebe ao longo da história que os sujeitos da EJA são os mesmos de sempre, os pobres, desempregados, negros. (p.1)

Nesse sentido, os estudantes da EJA necessitam de aulas mais elaboradas, planejadas conforme sua realidade, fazendo jus a sua cultura, e sua vida. E um dos pontos que deve ser analisado, é pensando na questão social e não somente em alfabetização e apego ao conteúdo de livros. É necessário fazer um planejamento para e com os sujeitos da EJA, uma vez que esses possuem uma realidade diferente dos demais segmentos de ensino, e, sendo isso feito, torna-se mais fácil alcançarem outros espaços e conseguirem a emancipação tão necessária na sociedade atual.

Para isso, toda escola, ao receber esses estudantes, não deve negligenciá-los nem tampouco estereotipá-los como incapazes de progredir, mas auxiliá-los a buscarem a emancipação. Sendo assim, Paulo Freire (2011) nos ajuda a compreender como o professor deve assumir o seu papel:

[...] como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros (p.42).

Para o professor a tarefa é desafiadora, tanto quanto em qualquer outro nível ou segmento de ensino. No entanto, é preciso traçar um perfil profissional que esteja aberto a compreender as especificidades da EJA, sobretudo, ter a essência da motivação, a fim de que a aprendizagem aconteça de forma prazerosa e que pode promover um processo de liberdade do sujeito e essa liberdade diz respeito a não se opor as ações das opressões advindas da sociedade.

Desse modo é interessante pensar nessa liberdade que só a educação pode proporcionar, pois está diretamente relacionada à emancipação dos

sujeitos que é de cunho político e social. Como foi dito anteriormente, isso não deve ser negligenciado, muito menos menosprezado, pois os sujeitos da EJA têm seus sonhos os quais são possíveis de alcançar, pois, através da educação poderá conquistar seus objetivos, tornando-se cidadãos emancipados.

3.2 – DESAFIOS ENFRENTADOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos passou por diversos desafios, primeiro porque são reunidas pessoas de idades variáveis: mulheres e homens cada um com sua história de vida, o que tem em comum entre eles é a vontade de recomeçar. Sendo assim, o professor é uma peça fundamental para que o ensino-aprendizagem aconteça de forma satisfatória e, deste modo, há a necessidade de resignificar pensamentos e ações, a fim de promover o entendimento de que o processo da EJA não é apenas alfabetizar porque não deu certo na idade prevista, mas propor práticas pedagógicas que valorizem o conhecimento e agucem nos sujeitos o anseio por este.

É importante salientar que essa visão está sendo modificada ao logo dos anos. Uma das grandes conquistas deste segmento de ensino é possibilitar o entendimento nos sujeitos de que a educação escolar não está apenas como uma forma de preparação para o mercado de trabalho, mas sim para promover uma formação crítica e reflexiva que os possibilitem atuar na sociedade enquanto protagonistas.

Nessa trajetória de ensino há o desafio de estabelecer um envolvimento do professor e do aluno; o professor tendo consciência da necessidade de incluir, mesmo frente a grande diversidade cultural existente em seu grupo, momentos de interação, diálogos colaborativos e reflexões críticas sobre os diferentes contextos e culturas, a fim de que a aprendizagem ocorra em conjunto. Sobre tal reflexão, Fernando Becker (2007) aponta que:

Interação só acontece quando professor e alunos agem e a ação de um é assimilada pelas ações dos outros, e vice-versa; quando indivíduo e sociedade agem, determinando-se; quando sujeito e objeto agem, transformando-se em função dessas ações (p.16).

Isso nos faz refletir como é relevante a relação professor educando para que tenha uma aprendizagem satisfatória. Para ambos, a influência mútua proporciona uma melhor assimilação dos conhecimentos, pois acaba por fazer sentido para eles. E, nesse momento de interação acontece a troca: o professor aprende com seus alunos, se reeducando, aprendendo a valorizar a bagagem que os educandos trazem e os estudantes aprendendo conceitos necessários para a sua emancipação social.

Os alunos da Educação de Jovens e adultos demandam uma dedicação e trabalho maior por parte dos professores, pois se torna um desafio pelo fato desses alunos terem passado por um descaso social, isso pode prejudicá-lo por muitas vezes achar que já é tarde para continuar, o que pode ocasionar uma evasão escolar que é muito frequente nessa modalidade. Por isso, há necessidade de motivação por parte dos docentes, pois, muitas vezes esses alunos chegam de um dia estressado de trabalho ou por alguma questão familiar, acabam desestimulando. Novamente é posto esse desafio para o professor que deve contextualizar suas atividades e prepará-las da forma mais atrativa possível. Sobre tal discussão Haddad (2002) destaca que:

A evasão e a repetência apresentam-se como problemas educacionais generalizados, cujas razões relacionam-se a múltiplos fatores de ordem política, ideológica, social, econômica, psicológica e pedagógica e à ausência de metodologias de ensino que incorporem e articulem os conhecimentos dos quais os alunos são portadores. (p.89)

Haddad (2002) cita a evasão e repetência como problemas educacionais generalizados, e esses problemas afetam todas as etapas de ensino, porém quando um aluno da EJA evade é como se fosse pela segunda vez negado seu direito a educação. Esse sujeito sai da escola na primeira vez e novamente na modalidade EJA, essa saída é algo que necessita ser evitado, pois, quando isso ocorre, é como se a porta se fechasse novamente para aquelas pessoas. Isso acontece ainda, na perspectiva de Haddad (2002), porque:

A escola não se apresenta como lugar de alegria ou de aprendizagem criativa: privilegia a seriedade, a formalidade. Sua marca fundamental é a exigência frequente e intransigente do silêncio, do comportamento passivo, da obediência, assentada em métodos didáticos anacrônicos, transformando-se em um espaço desmotivador e desinteressante, embora formas de resistência persistam (p.89).

Para que esse excesso de formalidade seja quebrado, a escola deve reunir e valorizar todos os conhecimentos cotidianos dos estudantes a fim de significar e materializar o ensino escolarizado. É interessante que os jovens e adultos vejam sentidos naquilo que está sendo apresentado entendendo que faz parte do seu cotidiano. Assim, a educação terá sentido se conseguir despertar nos estudantes o desejo de mudança social.

Apesar de todos os percalços é ainda de se admirar esses sujeitos que retornam à escola em busca de um sonho, se volta à escola é porque esperam alcançar um objetivo. Nesse momento eles se dão uma nova chance de retomar de onde parou. Desse modo, é importante que sejam acolhidos e estimulados a progredir, acreditando que são capazes de ir muito longe, de ingressar numa Universidade, ou ter um emprego melhor. Esse também é um direito deles e devem ter todo apoio necessário para conquistar esses objetivos.

4- A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: DA ELETIZAÇÃO PARA A DEMOCRATIZAÇÃO

A Educação Superior no Brasil por muitos anos foi uma realidade distante de muitos brasileiros, por ser um ensino destinado à elite, tendo em vista que esta educação nunca foi uma prioridade dos governantes e a grande maioria dos sujeitos das classes populares nem visualizava ingressar, tendo em vista que seu histórico na educação básica não lhes dava subsídios para o acesso, principalmente os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Portanto este capítulo aborda o histórico das Universidades Brasileiras bem como as dificuldades do acesso e permanência das classes populares.

4.1- UNIVERSIDADES: ORIGENS HISTÓRICAS E TRAJETÓRIAS

No tempo do Brasil Colônia, em 1500, o Brasil estava a serviço de Portugal, o qual não permitiu que tivesse um ensino. Mesmo com a proclamação da independência, os brasileiros continuavam sem acesso à escola e muito menos a cursos superiores, com isso, a elite estudava na Europa e isso durou por muito tempo. Essa proibição foi uma tentativa de manter o Brasil colônia. Segundo Gilson Silva (2016):

No século XVI, através dos jesuítas, aconteceu a primeira tentativa de titulação acadêmica, pelo Colégio da Bahia _concessão essa que foi negada pela Coroa, evidenciando-se, assim, os desencontros de opiniões entre o plano educacional elaborado pelo Padre Manoel da Nóbrega e a orientação da própria ordem religiosa, prevista no Ratio Studiorum, existentes no interior da própria Companhia de Jesus, e o interesse da Metrópole em manter a situação de dependência tanto econômica e política, quanto cultural e ideológica. (p.19)

No entanto, havia um grande interesse da metrópole em não querer que a população brasileira estudasse, tendo em vista que poderia ser um risco para os portugueses se os brasileiros comessem a pensar politicamente e economicamente, isso poderia causar um transtorno. Esse interesse da metrópole era nítido, pois qualquer tentativa de pensar em um curso era

embargada, eles entendiam que se começa a conceder algum tipo de estudo, isso poderia se expandir comprometendo a dependência da colônia portuguesa e:

[...] com a transferência da sede do Reino português para o Brasil. Em 1808, o príncipe D. João VI criou as primeiras Escolas Superiores Brasileiras e foram criados, também cursos e academias para atender às necessidades imediatas da corte em profissionalizar-se e, ao mesmo tempo, formar uma elite dirigente. Desse modo, surgia a Academia Real da Marinha, objetivando formar Oficiais e Engenheiros Cíveis e Militares, e os cursos de Medicina e Direito no Rio de Janeiro (SILVA, 2016, p. 20).

Porém, mesmo com a implantação dessas escolas superiores, não abalou o interesse da corte em relação à independência. Anos depois, com a criação de cursos jurídicos, a elite começou a refletir e a mudar o pensamento em relação ao império, visto que a representação do governo era composta por pessoas ricas e almejavam o poder e a constituição da elite colonial. Assim, pensando apenas nos grupos elitizados, a educação para a população não tinha peso algum.

Essa realidade da resistência à implantação das Universidades se manteve por muitos anos. O difícil acesso ao Ensino Superior torna mais fácil nutrir toda uma trajetória de corrupção, cultivando por vários anos um histórico de dominação e desigualdade. As dificuldades em ingressar no Ensino Superior para a classe popular são muito vigentes, tendo em vista que a educação básica já não dá suporte para tal e a concorrência é desigual. Sendo que na hora do vestibular irão competir com os filhos das elites que sempre tiveram acesso as escolas que lhes preparam para esse momento.

Ainda nessa linha, o sujeito vindo da Educação de Jovens e Adultos apresenta toda uma trajetória diferente, pois tiveram que deixar os estudos e retornaram mais tarde em busca de realizar um desejo e uma necessidade da sociedade atual.

O Vestibular foi por muito tempo a porta de entrada ao Ensino Superior no Brasil, essa forma de acesso sempre foi discutida, porém permanecia do mesmo modo. No ano de 1990, houve uma expansão do ensino superior com aberturas de redes de ensino privado. Nesse mesmo período o governo criou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como um mecanismo avaliador dos estudantes concluintes do Ensino Médio, e que, mais tarde, teve sua função

alterada como apontam Janete Santos, Rosilda Ferreira e Rosineide Garcia (2014):

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) que nasceu em 1998, mas que sofreu uma mudança no formato para que também atendesse ao ingresso às instituições públicas de ensino. A adoção deste exame trouxe uma expectativa diferente ao cenário do acesso a educação superior brasileiro, na medida em que possibilitou que o processo seletivo de diversas instituições, públicas e privadas, do Norte ao Sul do país, se desse de forma unificada. Assim, candidatos dos lugares mais longínquos da nação, passaram a ter a oportunidade de concorrer para uma instituição do território nacional sem que para isso tivessem que se deslocar para o processo seletivo. (p.2).

Essa iniciativa se deu também porque foram criadas Universidades Públicas; essa decisão de usar o ENEM como possibilidade de acesso ao Ensino Superior, foi uma forma de democratização política para a população brasileira. Visto que a realidade educacional necessita de iniciativas que busque melhorias e formas mais justas de construir uma nação igualitária. Apesar dessa iniciativa, ainda era muito pouco para se garantir o acesso de pessoas das camadas populares ao Ensino Superior, então foi criado o Programa Universidade para Todos (PROUNI), buscando incluir jovens de baixa renda no Ensino Superior da rede particular, dando auxílio através de bolsas integrais aos alunos que conquistaram a nota exigida. Além disso, o sistema de cotas também é uma importante ação que propõe ampliar o ingresso ao ensino superior da população menos favorecida.

Tendo em vista a demanda cada vez maior de inserir um maior número de pessoas no Ensino Superior precisa-se rever três pontos relevantes: a qualidade, o ingresso e a permanência nas Universidades, pois, com a necessidades de expansão, muitas faculdades foram criadas e a qualidade ofertada precisa ser melhor debatida e pesquisada. Outro ponto que merece destaque é o ingresso nos cursos ditos de “elite”, pois as notas de corte para tais cursos são altíssimas e os alunos de classes populares terão uma enorme barreira nesse quesito, tendo em vista suas trajetórias escolares com muitas lacunas que dificultam a concorrência com filhos das elites que passaram a vida inteira estudando em escolas cujo objetivo era prepará-los para seu ingresso no ensino superior.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar o grande avanço que os governo ex. presidente Luís Inácio Lula da Silva e da ex. presidenta Dilma Rousseff promoveram, com a criação de novas Universidades, em 29 de julho de 2005 foi sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva a Lei nº 11.151 que cria a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB assim a universidades está dividida por campus nas cidades do recôncavo baiano são elas: Cruz das Almas onde está situada a sede da UFRB, em Cachoeira, Santo Amaro, Feira de Santana, Santo Antônio de Jesus e Amargosa. Na cidade de Amargosa está localizada Centro de Formação de Professores, nesse campus são ofertados os cursos de licenciaturas apesar de ser uma universidade nova, já formou muitos e o que se espera é que continue assim, a maioria da população acadêmica do CFP, são das cidades circunvizinhas e do próprio município pessoas em sua maioria de classes populares, para tentar garantir a permanência dos estudantes das classes populares, como Aparecido Barros (2015) aponta.

Diante deste cenário, para conter os efeitos do esgotamento da expansão no Ensino Superior privado, o governo Lula [N.E.: Luiz Inácio Lula da Silva, 35º. Presidente da República Federativa do Brasil, período de 01 de janeiro de 2003 a 01 de janeiro de 2011), voltou suas ações para a sustentação financeira dos estabelecimentos existentes. Os principais mecanismos utilizados foram o PROUNI e o FIES. E nas universidades federais, o Reuni, se propunha criar mais condições para a ampliação do acesso e permanência na Educação Superior. Outras medidas como o aumento da oferta de cursos superiores a distância e a política de cotas também contribuíram para reverter os índices baixíssimos de inclusão neste nível de ensino. (p.370).

A iniciativa desse governo fez um grande diferencial na vida da população de baixa renda, promovendo esperança ao perceber que poderia ter uma chance de ter um nível superior. Foi um salto qualitativo para o Brasil. A busca da democratização da educação estava com uma porta aberta. Assim, Barros, (2015) aponta que.

A democratização pode apresentar significados diferentes e peculiares para cada indivíduo. Portanto, estes significados são decorrentes da ideologia dos sujeitos e da forma como eles compreendem a realidade política e social na qual estão inseridos. Nessa perspectiva, a partir de 2003, observa-se que diversos programas foram implementados para colaborar com

a chamada democratização da Educação Superior no país. De certa maneira, apesar dos limites encontrados, tais medidas representaram um avanço para este nível de educação (p.71).

O Brasil deu um passo importante rumo a democratização do Ensino Superior, os programas criados foram extremamente válidos, pois acendeu uma possibilidade para a expansão da educação. Entretanto, as lacunas que há em volta da educação Superior e principalmente da educação básica é algo ainda a ser resolvidos. A busca por melhorias na educação pública deve continuar, pois, muitas conquistas precisam ser garantidas e isso só se faz com lutas e enfrentamentos.

5- PERCURSO METODOLOGICO

Este capítulo é proposto a descrever o percurso metodológico para a pesquisa intitulada: O Ingresso dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores: Sentidos, Desafios e Perspectivas estes percursos contribuem para o alcance de possíveis respostas para a questão que norteia esta pesquisa: Quais os sentidos, desafios e perspectivas dos sujeitos oriundos da EJA, que conseguiram ingressar na Universidade? Atendendo, desta maneira aos objetivos dessa pesquisa. Para tanto, tem-se como objetivo geral: Analisar os sentidos, desafios e perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no Recôncavo da Bahia que conseguiram ingressar na Universidade. Sendo ele dividido em três objetivos específicos: Identificar as dificuldades enfrentadas na Educação de Jovens e Adultos para o ingresso na Educação Superior; verificar os sentidos e expectativas dos estudantes oriundo da Educação de Jovens e Adultos em cursarem uma formação superior e suas expectativas futuras, por fim, identificar as dificuldades enfrentadas na Educação de Jovens e Adultos para o ingresso na Educação Superior.

5.1 - PARADIGMA CIENTÍFICO

A ciência moderna tem uma contribuição relevante para os estudos científicos, ela é apontada por Boaventura de Souza Santos (2010) como

paradigma dominante, os métodos estabelecidos por ela são sempre centrados em comprovações, testes, experimentações, e generalizações, sempre em busca da exatidão dos fenômenos e objetividade através do uso exacerbado da razão, seguindo um sistema rigoroso que muitas vezes negou outras formas de conhecimento.

Por vários anos, prevalecia que todo processo de investigação e experimentação eram tratados com muita clareza e objetividade todas as ideias tinham uma necessidade de matematizar os objetos de estudo investigados, buscando resultados comprováveis com rigor da natureza. Como aponta Santos (2010)

As ideias que presidem à observação e a experimentação são as ideias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas ideias são as ideias matemáticas. (p.50)

A matemática tinha um papel significativo na pesquisa, era a base para cientistas como Galileu e Einstein. “A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação, como ainda o modelo de representação da própria estrutura da matéria” (SANTOS, 2010, p. 50).

Os estudos da ciência moderna baseavam-se em quantificar e medir com rigor sem deixar espaços para outras qualidades intrínsecas, pois o que importava em primeiro plano era o quantificável o que poderia dar resultados exatos cientificamente ignorando também as complexidades da mente humana. Para a ciência moderna, conhecer é a mesma coisa de quantificar com rigorosidade. O que não é quantificado é considerado como irrelevante.

O paradigma dominante não era sentimentalista e não considerava o senso comum e acreditava que era um ser superior a natureza e quem tinha o domínio sobre ela era considerado o detentor do saber.

5.2 PARADIGMA EMERGENTE

Em meio a vários dilemas sobre o paradigma científico, acabou abrindo um leque de questionamento, surgiu a necessidade de ter uma ciência que valorize aspectos sociais e culturais da humanidade. Nesse momento surge a

crise do paradigma moderno, muitos cientistas da época começaram a questionar sobre uma ciência que pensasse no sujeito refletindo seu objeto de estudo sem necessariamente está testando e comprovando.

A partir de então começou a pensar em um modo de fazer ciência considerando aspectos científicos onde fosse constituído um novo modelo de aspectos mais sensível no momento da construção do trabalho “[...] o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente)”. (SANTOS, 2010, p.60)

Esse novo paradigma objetiva valorizar características e modos de vida do sujeito pensando no lado mais humano da questão; especificidades que antes o paradigma moderno não levava em consideração.

Santos (2010) aponta ainda que todo conhecimento é autoconhecimento, ele afirma que no momento em que o homem através das ciências observa e investiga os outros homens como sujeito objeto ele está se auto observando e se auto reconhecendo, construído uma relação de iguais. Esse modo de pensar a ciência se enquadra nas pesquisas qualitativas que tem uma relação do pesquisado com seu objeto. Assim Santos, 2014, aponta que.

Na perspectiva da investigação qualitativa, a fonte de dados é sempre um ambiente natural e o pesquisador é o principal instrumento da pesquisa, de modo que este tipo de investigação requer um contato direto e constante com o ambiente e com a situação investigada, isso porque, as palavras, ações, gestos, são sempre influenciados pelo contexto em que se manifestam. (p.46)

Nesse sentido, a pesquisa intitulada O Ingresso dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos no Centro de Formação de Professores: Sentidos, Desafios e Perspectivas, é uma pesquisa em que o principal protagonista é o sujeito, como um ser social, que luta para conseguir alcançar seus objetivos enfrentando os obstáculos a fim de almejar sua utopia. Considera-se como um trabalho relevante para educação pois pode garantir uma visão maior sobre a importância da EJA e o que seria necessário para garantir o ingresso de pessoas dessa modalidade de ensino nas

Universidades.

Por tais ressalvas, pode-se dizer que os caminhos dessa pesquisa seguem a base do paradigma emergente, pois configura-se como uma pesquisa que lida diretamente com o sujeito, levando em consideração o senso comum. É um paradigma que considera o sujeito e o objeto e não o conhecimento quantificado, pois a relação do sujeito o objeto se dá constantemente.

5.3 - ABORDAGEM METODOLÓGICA

Essa pesquisa pauta-se no paradigma emergente e na perspectiva da abordagem qualitativa, pois considera as especificidades dos sujeitos. É uma pesquisa que não se preocupa em quantidades, e sim em qualidades, em fazer interpretações dos mais variados objetos de estudo, pois conforme defende M.C Minayo (2001)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 14).

Os sujeitos dessa pesquisa são pessoas que tem uma característica única e comum, o fato de não ter sido alfabetizado no período considerado “adequado”, faz com que esses sujeitos tenham uma história de vida que deve ser respeitada e valorizada, não com intuito de vitimizá-los, mas por considerar que eles persistiram em busca de seus sonhos apesar das dificuldades que os impediam. Com isso considero importante a realização da pesquisa por entender que irá contribuir de forma significativa para se pensar na EJA e no ingresso ao ensino superior.

De acordo com o que é permitido pela pesquisa qualitativa, é possível afirmar que sua maior fonte de informações é o ambiente natural, sendo o pesquisador uma ferramenta da pesquisa, de modo que ele tenha um contato direto com seu objeto de estudo.

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entende-se que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 48).

Ainda nessa perspectiva da pesquisa qualitativa, Rocha, (2008, p.19) afirma que “[...] é o tipo da pesquisa que o pesquisador não tem a preocupação de quantificar, mas de interpretar, compreender fatos e informações, na busca de solução para o problema proposto”. Esse tipo de investigação permite fazer uma análise da problemática entendendo suas peculiaridades.

Ao longo do tempo a pesquisa tem ocupado espaço preponderante nos debates sobre educação, uma vez que, a pesquisa ganha ênfase e é compreendida como um processo fundamental e importante da vida da sociedade como um todo. Neste sentido, a pesquisa científica corrobora também para o crescimento do sujeito, pois esta traz a possibilidade de contribuir de forma significativa para os processos da sociedade a partir dos resultados, do mesmo modo que propicia também a emancipação do sujeito.

5.4 - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para coletar os dados do trabalho foi pertinente pensar em uma aproximação com os sujeitos a serem estudados. No primeiro momento foi necessário um contato mais próximo com as pessoas escolhidas pelo pesquisador como sujeitos da investigação, onde foi realizado o convite para participar do processo da pesquisa. Os objetivos foram apresentados para esses sujeitos, após observada a aceitação da pessoa.

O pesquisador juntamente com seu orientador elaboraram um roteiro com as questões de entrevista, levando em consideração os objetivos da pesquisa. Por tais motivos foi pensado em realizar uma entrevista semiestruturada com os alunos oriundos da EJA que ingressaram no Centro de Formação de Professores, na cidade de Amargosa- BA.

As entrevistas têm o objetivo de recolher dados descritivos dos sujeitos estudados, possibilitando ao investigador desenvolver uma ideia sobre a

maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN e BIKLEN,1994, p.134).

Pode-se perceber como é válida a utilização da entrevista, pois possibilita um contato mais próximo do sujeito mantendo um diálogo estreito, obtendo informação imediatas de forma direta, conforme revelam os autores abaixo:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. (LUDKE, MENGA, 1986, p. 34).

A entrevista semiestruturada é muito relevante para esse trabalho, pois permite uma antecipada elaboração das questões e a reelaboração delas também ao decorrer da entrevista, permitindo uma flexibilidade. Além disso, possibilita o contato com o sujeito da pesquisa que certamente consistirá em um momento único e rico, entender bem de perto como essas pessoas se constituem enquanto sujeitos de direito, permitindo uma relação de troca de conhecimentos entre o pesquisador e o sujeito da sua pesquisa. A entrevista foi realizada com a utilização de um gravador com a devida permissão dos participantes da pesquisa.

5.5 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A análise dos dados é um dos momentos fundamentais do trabalho, é a ocasião onde os dados colhidos são tratados com base na fundamentação teórica. Um trabalho bem minucioso e delicado, conforme aponta. Antônio Gil (2009)

Organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos(p.156)

Dessa maneira para a realização da análise dos dados, em primeiro momento foi necessária a organização de materiais obtidos, podendo dividir em

partes, em cada seletiva procura-se obter informações coerentes Ludke e André (2012). Mediante a isso a reprodução dos dados se dá na forma escrita em quadros onde facilitará a compreensão. Pensando na interpretação optou-se por análise de conteúdo. Desse modo Bogdan e Biklen (1994) nos apontam que.

A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros. (p.205).

O momento da análise dos dados é crucial, pois é nesse período que o pesquisador observa atentamente cada sujeito pesquisado em suas especificidades, e tendo também o cuidado em analisar as histórias de vida relatada, observando o onde os sujeitos se aproximam em relação aos aspectos de vida, e objetivos em comum. A análise de conteúdos dará subsídio para a compressão da fala, da escrita, da frequência de elementos, acuidade, Desse modo a interpretação e análise dos dados forma pensado tendo em vista atender os objetivos da pesquisa.

5.6 - LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, localizado na cidade de Amargosa, no estado da Bahia. Com alunos da mesma instituição de ensino superior, dos diversos cursos. Todos os estudantes convidados para a pesquisa são oriundos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Foram quatro sujeitos que participaram da pesquisa, três do curso de Licenciatura em Pedagogia e um do curso de Licenciatura em Matemática com a faixa etária entre 29 a 57 anos.

6- ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo é de suma relevância para a pesquisa, uma vez que aborda a trajetória dos sujeitos envolvidos, entrelaçando as teorias estudadas. Trata-se aqui da análise dos dados que foram recolhidos por meio da entrevista semiestruturada, instrumento escolhido por melhor caracterizar o objeto de estudo em pauta. Nele são apresentados inicialmente os sujeitos inseridos na pesquisa e suas principais características; logo após são abordados os sentidos, desafios e perspectivas na trajetória vivenciada na Educação de Jovens e Adultos e na Universidade.

Para melhor obtenção dos resultados que dariam conta de responder a problemática dessa pesquisa, cujo escopo está respaldado na questão: quais os sentidos, desafios e perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no recôncavo da Bahia que conseguem ingressar no Centro de Formação de Professores? Para tanto, realizamos entrevista com quatro sujeitos sendo duas do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os nomes abordados na pesquisa são fictícios para, de acordo com os princípios éticos da pesquisa, preservar a identidade dos sujeitos. É válido reafirmar, que essa pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Como o objetivo das narrativas é colher as informações necessárias para subsidiar a pesquisa, foram retirados alguns vícios de linguagem e conectivos repetidos para possibilitar que o texto tenha mais clareza.

6.1 ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: QUEM SÃO? O QUE NOS REVELAM?

Em primeiro momento faz-se necessário traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa. O critério básico para a escolha foi que estes deveriam ser oriundos da Educação de Jovens e Adultos que tenham conseguido ingressar na

universidade, especificamente no Centro de Formação de Professores, podendo ser estudantes ou egressos. Para conseguir o contato desses sujeitos foi feito um pequeno anúncio em rede social, considerando que seria uma ferramenta de longo alcance, e explicando que se tratava de uma pesquisa com estudantes oriundos da Educação de Jovens e Adultos, que ingressaram na universidade para assim, por meio de uma entrevista semiestruturada, buscar responder os questionamentos do trabalho. Dessa maneira, algumas pessoas que viram os anúncios e conheciam outras pessoas egressas da EJA, me procuraram e indicaram nomes de estudantes. Assim, foram encontrados apenas quatro sujeitos dispostos a colaborar com a pesquisa, respondendo as questões que norteiam a investigação.

Dessa maneira, serão apresentados abaixo os sujeitos e algumas características breves. A primeira entrevistada é Maria tem 57 anos se autodeclara branca, trabalha como auxiliar em uma Biblioteca, é solteira, moradora da cidade de Amargosa e fez o curso de Licenciatura em Pedagogia. O segundo foi Paulo, tem 29 anos se autodeclara negro, trabalha como professor, é solteiro e mora na cidade de Amargosa e acaba de concluir o curso de Licenciatura em matemática. A terceira foi Rita ela tem 30 anos se autodeclara negra, é professora concursada da cidade de Castro Alves, solteira, natural da cidade de Amargosa, já concluiu o curso em Licenciatura em Pedagogia. O quarto e último é Pedro tem 56 anos se autodeclara branco, trabalha como lavrador, é casado, mora numa zona rural de Elísio Medrado, entrou na Universidade em 2012 cursando Licenciatura em Matemática, mas desistiu. Realizou novamente o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e conseguiu entrar no curso de Pedagogia onde se encontra cursando.

6.2. SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR

Cada um dos sujeitos entrevistados traz em suas narrativas o seu percurso no período em que cursou a Educação de Jovens e Adultos, e todo processo que passaram até ingressarem na Universidade. Assim, através da entrevista semiestruturada foram indagadas questões inquietantes, e, para

iniciar, perguntamos sobre a trajetória na EJA. Nas palavras de Maria destaca que:

Foi muito difícil, porque eu interrompi meus estudos logo no início do ensino médio, e, por necessidade, eu retornei em 2007 na EJA. Foi muito difícil, muitos problemas que eu enfrentei [...] assim, grave, foi a falta da leitura. Não gostava de ler, então um dos problemas assim bem difíceis foi à questão da leitura e da interpretação de texto. O entendimento daquele conteúdo por esse distanciamento dos estudos foi difícil, mas quando você tem a força de vontade, quando você tem objetivo eu acho que você consegue encontrar as estratégias pra superar nesse primeiro momento essa nova realidade, principalmente também porque eu percebo que esses conteúdos que são ofertados na EJA são muito distantes da realidade dos estudantes, porque a princípio eu não me encaixei [...] (Maria, 2017).

É notório na fala de Maria que o distanciamento com a leitura foi algo que dificultou bastante seus estudos. Além de prejudicar na sua relação com os conteúdos trabalhados em cada componente curricular, sobretudo na interpretação e relação com a sua vivência social, corroborou para o enfraquecimento do seu desejo de continuar nos estudos.

A vida escolar de Maria sempre foi marcada pelo afastamento e retorno a escola; as oportunidades que foram sendo interrompidas no caminho, também colaboraram para a desmotivação da permanência no cenário escolar. Observa-se que Maria, apesar de ser oriunda da EJA, havia estudado até o Ensino Fundamental no período dito “regular”, então, esse afastamento com a leitura, não pode ser atribuído apenas a EJA, é uma problemática que percorre os níveis ensino básico também. Nesta perspectiva, buscamos fazer uma reflexão sobre a concepção de leitura na perspectiva de Freire (1989), o qual revela que esta está para além da leitura da palavra. Assim, torna-se importante que os sujeitos inseridos na EJA tenham essa compreensão a fim de perceberem e valorizarem os diversos saberes e leituras que carregam em si, decorrentes das suas vivências culturais e sociais adquiridas cotidianamente nas suas trajetórias.

Outro fato presente na narrativa de Maria é que na EJA, há um distanciamento em relação aos conteúdos, pois ela não conseguia enxergar

sentido nos assuntos trabalhados. Essa falta de articulação com o contexto dos sujeitos inseridos torna as aulas cansativas e desestimulantes. É necessário que os professores reflitam sobre a prática, principalmente quando se trata do trabalho com os estudantes da EJA, pois para estarem inseridos no contexto escolar passaram por várias barreiras, inclusive, o cansaço do dia entre tantas outras preocupações que a vida adulta apresenta. Nesse sentido Freire (2011) argumenta que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2011, p.31).

Desse modo, Freire ao argumentar sobre o papel social do professor e o respeito às questões sociais e culturais dos estudantes, convida a relacionar o cotidiano dos sujeitos, com os conteúdos dados, para, assim, promover mais sentido para que eles tenham ânimo para continuar.

Já Paulo narra que na sua trajetória escolar não foi fácil, começou a estudar aos 9 anos, aos 13 anos concluiu a quarta série. Conta que fez a quinta e a sexta série e foi um “desastre”, acabou perdendo, repetiu novamente e conseguiu passar, mas, nesse período teve que desistir para trabalhar e ajudar a família como ele descreve abaixo.

[...] eu acho que eu tinha 14 ou 15 anos quando desisti de estudar pra ajudar em casa. Trabalhava o dia inteiro, logo depois eu voltei a estudar na sétima e oitava a noite, conclui o primeiro e segundo, depois desisti novamente mais 5 anos para trabalhar. Voltei novamente e depois desisti mais outro tempo porque como eu trabalhava na serraria desde os 17 anos eu tinha que trabalhar e o horário de saída era às 6 horas da tarde, então, eu raramente conseguia chegar a tempo em casa e quando eu chegava tava muito cansado, era muito peso, aí, quando saí dessa serraria, no último ano em 2011, eu consegui ingressar na escola novamente, comecei a cursar o 3º ano, foi quando um professor disse que eu era uma pessoa inteligente pra eu ir pra faculdade eu nem tinha essa visão de faculdade eu achava que eu não tinha capacidade pra isso, mais ai com incentivo dos professores de lá eu resolvi fazer o

Enem. Foi a parti daí que eu ingressei na universidade, basicamente o meu contexto escolar é esse; nunca fui um aluno muito ruim, mas também nunca fui dos melhores, eu era um aluno bem regular e eu nunca tive problemas na escola o problema era ir porque eu sempre tive que trabalhar. (Paulo, 2017).

Analisando a trajetória escolar de Paulo, percebe-se uma relação com as reflexões de Haddad (2002), o qual discute sobre evasão escolar e a repetência como problemas graves, carregados de vários fatores que são colaboradores dessa situação, como políticos, sociais, econômicos e pedagógicos. Todos esses fatores podem ser percebidos durante a fala de Paulo.

Foram muitas idas e vindas durante sua trajetória escolar, porém, mesmo assim ele continuou tentando por entender que a maneira de mudar seu histórico de vida seria pela educação. É válido ressaltar a importância do incentivo do professor, pois, revela na sua narrativa que se sentiu motivado a tentar entrar na universidade por estímulo do professor. O apoio dos profissionais da escola e da família faz um grande diferencial e foi o que aconteceu com Paulo.

Já Rita conta que foi para EJA por falta de opção. A convivência com seus colegas de classe foi um dos fatores motivador que o incentivaram a permanecer e a buscar, alcançar seus objetivos. Sentia que os professores não acreditavam que eles poderiam ingressar na Universidade, mas com o apoio dos colegas acreditou que poderia sim mudar a sua trajetória de vida. Isso nos faz refletir sobre o processo de formação do professor da EJA, uma discussão sempre recorrente e que merece destaque por compreendermos a grande importância para a qualificação do processo pedagógico. A narrativa da estudante Rita é bastante reveladora por destacar:

[...] eu trabalhava e estudava eu tive que desisti na 6ª série. Foi no momento que eu fui pra noite, direto pra EJA. Não tinha vaga no regular pra estudar porque eu entrei no meio do ano, porque só entra a noite com 15 anos, então não tinha vaga eu não tinha opção então eu fui pra EJA. Estudei na EJA até o 3º ano e na EJA por incrível que pareça foi o meu melhor momento. Eu estudava com pessoas, que tinham muito mais idade que eu e eles me influenciavam a frequentar porque a gente da EJA era tido como os alunos que não vão pra lugar

nenhum por causa da idade, do trabalho. A gente sempre ouvia isso: vocês não vão muito longe, eu já vi um professor dizer que a EJA, era simplesmente aprender a ler e escrever, mas meus colegas diziam assim: “Rita, tu pode, tu é nova, tu pode entrar na universidade”. [...] quando eu tava no 3º ano foi quando chegou a universidade aqui em Amargosa [...] eu tive bons professores na EJA, bons professores mesmo, eles só não acreditavam na gente; você percebia que eles não acreditavam porque aluno percebe quando o outro não acredita, e eu sentia que eles não acreditavam que a gente era capaz de ir mais longe, mas eram professores muitos bons. A gente tinha que formar pra ter o diploma do ensino médio porque para ter uma oportunidade de emprego você tem que ter no mínimo o ensino médio, era o que eu ouvia muito, muito [...] (Rita, 2017).

Notamos que na fala de Rita, a maior motivação para continuidade nos estudos para chegar a uma universidade, era por parte dos colegas da turma, que sempre a apoiava com palavras de incentivo, enquanto os professores não acreditavam na possibilidade de uma ascensão por meio dos estudos. Essa postura desenvolvida pelo professor pode estar atrelada a uma questão de identidade, que muitas vezes por não acreditar na Educação de Jovens e Adultos, acaba por desestimular, isso demanda uma maior reflexão sobre a identidade do professor atuante nesses espaços. Nesse sentido, como foi apontado por Freire (2001), a prática do professor não pode ser neutra, pois essa postura implica em rupturas e em decisões, que podem ser refletidas nos sonhos dos sujeitos. Então, é necessário o professor ser mais vigilante, para com sua prática para não falar uma coisa em seus discursos e praticar outra. Assim, é fundamental que os professores sempre reavaliem as suas práticas para não negar o sonho de alguém.

Pedro fala que só ia para escola para aprender as quatro operações que assim poderia ter chance para trabalhar na cidade de Salvador, então priorizava aprender a ler e a escrever e as quatro operações. Parou os estudos e, anos mais, tarde retornou para estudar na EJA. Ele concluiu seus estudos em 5 anos, tentou o ENEM e entrou na universidade no ano de 2012. Nota-se que na fala de Pedro a uma valorização da leitura gráfica e a necessidade de aprender a fazer as quatro operações como objetivo apenas do trabalho, isso faz menção à uma educação tecnicista que visa apenas o trabalho e nega o pensamento crítico e reflexivo ao redor.

Assim, percebe-se que as trajetórias dos sujeitos da EJA têm históricos bem semelhantes: as desistências para ajudar em casa, as voltas para escola numa espécie de retalhos deixavam a escola, e, mais tarde retornavam para buscar a realização de um dia conquistar o objetivo. Para entender melhor sobre os motivos que levaram a voltar a EJA, foi feito esse questionamento aos entrevistados, Maria disse que um dos motivos foi a idade e a necessidade de não perder mais tempo, que a EJA era uma forma de concluir mais rápido os estudos, já Paulo disse que não foi uma escolha, devido à idade não poderia ficar no regular e deveria ir para EJA. Rita falou que foi falta de opção, porque tinha que trabalhar e não poderia estudar no turno matutino, ela diz que achava um absurdo não ter ensino regular à noite, porque ela não queria ir para a EJA, porque o que ela ouvia falar da EJA é que era uma modalidade que não leva para frente. Maria, Paulo e Rita relatam em suas narrativas que fazer a modalidade da Educação de Jovens e Adultos foi algo não da sua vontade, mas sim de um sistema educacional, já seu Pedro destaca:

Eu tinha um sonho mesmo sem ter oportunidade na minha época, mesmo sendo difícil, mas eu tinha aquela vontade de me formar de dizer assim: sou formado entendeu? Porque a minha família pela parte do meu pai são todos analfabetos, meu pai tem nove irmãos, duas mulheres sete homens, meu pai até 'garrancha' umas coisas, [...] então eu tinha aquele desafio, vontade, eu queria mesmo formar, assim né? Fazer o segundo grau. Minha vontade era essa. (Pedro, 2017).

A vontade de seu Pedro é muito forte e é mostrada com intensidade em sua fala o querer sair da condição de não alfabetizado é muito tocante. Nisso, Freire (2001) diz que “É possível vida sem sonho, mas não existência humana e História sem sonho.” Ainda nessa perspectiva, perguntamos o que a EJA lhes representou. Maria disse que:

Ela foi o pontapé inicial, na verdade, ela quem abriu as portas, mas eu acho que dependeu muito de mim do meu interesse dos meus objetivos porque aquilo que os professores passaram para mim, não me desafiava, então assim eu não tinha desafio, é [...] eu penso que precisa o educando [...] ele precisa ser desafiado, ele precisa ser provocado, eu não via isso nos professores. (Maria, 2017)

Para Maria foi a EJA quem abriu as portas para o recomeço, no entanto não se sentia desafiada, por considerar que o ensino da EJA não impulsionava

não a desafiava. Corroborando com as ideias de Maria, Paulo também reafirma ao dizer que os conteúdos eram muito reduzidos, mas ao mesmo tempo era a oportunidade de retorno para as pessoas que evadiram e Rita também concorda com Maria ao dizer que foi um pontapé inicial. Nas suas palavras, destaca:

Hoje eu vejo que foi um pontapé inicial, porque quando eu entrei na Educação de Jovens e Adultos o meio com que eu convivia me impulsionou a entrar na universidade que talvez se eu viesse do ensino regular talvez não estivesse na universidade. [...] (Rita, 2017).

Para Pedro foi um momento de descobertas de coisas que não sabia: todos eles consideram que a EJA foi importante para seu recomeço nos estudos, apesar de não ser um estudo que tenha uma base mais sólida. Ainda nesse sentido perguntamos se utilizaram cotas para entrar na universidade. Maria e Paulo responderam que não, Pedro disse que utilizou cotas de escola pública, já Rita revelou foi à primeira coisa que ela fez foi optar pelas cotas, já que seus estudos foram incipientes como ela narra abaixo.

Com certeza, foi a primeira coisa que eu fiz quando fui fazer a minha inscrição. Optei pelas cotas porque eu sabia das deficiências do meu estudo, então, como eu sabia dessa deficiência eu sabia que o vestibular era muito concorrido e o sistema de cotas tava aí, [...] pensei: é por aí que eu vou entrar na universidade. [...] (Rita, 2017)

Nota-se na fala de Rita, que o sistema de cotas para ela é algo que faria um diferencial, caracterizava-se como uma chance a mais para facilitar seu ingresso na universidade. Barros (2015) discorre também sobre as contribuições das cotas, destacando que com ela foi possível reverter significativamente o ingresso no ensino superior.

Em seguida indagamos se eles acreditavam que o trabalho da Educação de Jovens e Adultos conseguia subsidiar os estudantes para ingressarem na universidade e Maria destacou:

Eu acho muito pouco [...] é como eu te falei, depende de cada um. Eu quando decidi retornar os estudos tinha um foco, tinha uma meta. Eu queria concluir o ensino médio pela necessidade de trabalho, de consegui um trabalho melhor e o conhecimento. Enriquecimento, conhecimento é algo que ninguém tira, com conhecimento eu acho que você consegue ultrapassar barreiras, então, eu penso que se não fosse minha

determinação, meu interesse, a minha vontade não teria conseguido [...] É como eu te falei, se não fosse minha determinação, se não fosse o sonho de ingressar numa Universidade [...] eu me achava incapaz, eu achava que não tinha condições porque eu via aquelas pessoas que falavam aquelas palavras bonitas, aqueles discursos rebuscados, eu dizia, meu Deus! Quando é que vou aprender uma palavra dessa? Primeiro, que eu nem sabia o significado daquelas palavras. Logo quando entrei na universidade, foi um tapa mesmo. Assim, foi um choque grande porque o vocabulário era tão assim diferente da minha realidade [...] eu lembro que no primeiro semestre eu escrevia as palavras eu tinha vergonha de falar, eu tinha vergonha de abrir a boca. Eu disse que não ia falar besteira [...] no primeiro semestre praticamente eu fiquei calada [...] (Maria, 2017).

Maria diz que não conseguia se enxergar na Universidade, assim como ela havia dito anteriormente, não via sentido nos conteúdos ofertados pela modalidade, isso acarretava nela uma descrença em si própria, como aponta Pontes e Clark (2016)

Nesses processos de formação da identidade e da subjetividade, que se constituem no estilo de moradia, no acesso aos serviços públicos e aos bens culturais, os saberes e experiências das classes populares são desvalorizados. Dessa forma, em muitos momentos, esses sujeitos não se reconhecem como possuidores de saberes válidos e, não é raro, desconfiam da própria capacidade de aprender, sequelas deixadas pelos tumultuados processos de escolarização aos quais, geralmente, foram submetidos (p.56.).

Desse modo, é necessário que se tenha clareza, que estar em sala de aula não é o suficiente para esses sujeitos. É importante compreender as suas histórias de vida marcadas por inúmeras dificuldades.

Paulo, ao ser questionado se a Educação de Jovens e Adultos trouxe subsídios para ingressar na universidade, a sua resposta foi a seguinte:

Tem uma frase muito simples que diz, quem faz o curso é você. Eu estudei na EJA a minha vida inteira e quando eu determinei a entrar na universidade [...] Se você estudar bem, se você for pra escola se dedicar, se você estudar, se você complementar em casa o seu estudo, você consegue. Tem muitos bons professores [...] (Paulo, 2017)

As questões que o sujeito traz, é marcado por um discurso meritocrático que infelizmente se perpetua nas classes populares, acreditando que, somente a vontade e a dedicação, são os fatores que determinam o progresso e sucesso dos sujeitos, desconsiderando os fatores sociais, políticos e

econômicos que marcam de maneira, muitas vezes cruéis a trajetória de vidas dos sujeitos como um todo. Desse modo Dubet (2004) aponta que:

O modelo de igualdade de oportunidades meritocrático pressupõe, para ser justo, uma oferta escolar perfeitamente igual e objetiva, ignorando as desigualdades sociais dos alunos. Ora, todas as pesquisas mostram que a escola trata menos bem os alunos menos favorecidos: os entraves são mais rígidos para os mais pobres, a estabilidade das equipes docentes é menor nos bairros difíceis, a expectativa dos professores é menos favorável às famílias desfavorecidas, que se mostram mais ausentes e menos informadas nas reuniões de orientação. (p. 542)

Sendo assim é necessário levar em consideração as especificidades do sujeito o meio em que ele vive, e suas motivações, a falta de expectativas que esses sujeitos encontram muitas não impulsiona para esses sujeitos, isso é visto nas próprias falas do sujeito quando os mesmos falam que não acreditavam que conseguiriam avançar e ingressar na universidade, sendo que vem de família humilde e ao chegar na escola não são motivados a continuarem. Já Rita (2017) diz que:

Sim, com certeza, porque o único meio de estudo que eu tive pra entrar na universidade foi a EJA. Eu não fiz cursinho preparatório, não fiz nada disso. Eu peguei os estudos que eu tinha da EJA e passei a estudar e eu complementei porque quando eu me inscrevi no vestibular passei a buscar outros livros pra estudar, então eu assistia vídeo-aula na televisão, estudava com alguns livros dos filhos da minha patroa, lembro que tinha uma coletânea que era da escola particular e eu estudava por esses livros então a minha base que foi a EJA que me proporcionou [...]. (RITA, 2017).

A narrativa de Pedro revela que:

É muito difícil porque aprendi muito pouco para chegar aqui na universidade. É muito pouquinho isso daí, o saber de noite não dá para prender, não dá não muita coisa. (PEDRO, 2017).

Nas falas de Maria, Paulo e Rita fica evidente que o que se aprende na modalidade da Educação de Jovens e Adultos é muito pouco, no entanto, eles falam da força de vontade, do desejo de conseguir ingressar, tendo

determinação e força que pode conquistar tudo o que desejar. Na fala de Paulo e Maria deixam explícito que é necessário recorrer também a outros recursos para incrementar os estudos, como vídeo-aula, livros dentre outros. Recursos como esses são grandes aliados não só para os estudantes oriundos da EJA como também para alunos do ensino dito “regular”, pois, todas as modalidades de ensino necessitam de um reforço para ter um melhor resultado. A narrativa de Maria (2017) é bastante provocativa ao destacar:

[...] tive uma experiência muito forte, foi na disciplina de psicologia com uma dinâmica [...] era pra a gente se conhecer. Eu lembro que uma menina - hoje é uma amigona minha - fez assim, era pra você falar alguma coisa do seu colega, saber porque estava ali e essa menina fez a seguinte pergunta: você se sente constrangida de tá numa turma onde a maioria é jovem? Eu acho que isso foi uma das coisas que me deu, como fosse assim, uma resiliência, um tipo de força pra eu continuar ali. Na época eu disse não, eu me sentia privilegiada porque enquanto tinha muitos jovens que tinham oportunidade e não abraçava eu ia abraçar e conquistar meu objetivo [...]. (Maria, 2017).

Assim, diante de todas as análises percebidas a partir das narrativas dos sujeitos sobre a EJA, perguntamos o que consideravam necessário mudar para que os estudantes inseridos nesta modalidade tivessem maiores oportunidades de ingressarem no Ensino Superior. Maria diz que acha que os conteúdos deveriam ser mais voltados para a realidade e que os professores deveriam ser mais provocadores; que é preciso fazer uma reavaliação do currículo, pensando nos sujeitos trabalhadores da zona rural, das classes populares. A percepção de Maria vem dialogando com as concepções de Freire, quando revela:

[...] Paulo Freire defende que o aluno tem que sentir prazer, vontade de está ali na escola, tem que ser algo da realidade dele, não que ele não precise conhecer outras realidades, mas tem que partir da realidade do aluno, a maioria não vê sentido eu não via sentido de tá no colégio eu não via sentido por alguns professores, se eu depenasse de alguns eu tinha desistido mas é como eu te falei, se você não tiver boa vontade, se você não tiver o objetivo você não fica. [...] (Maria, 2017).

Já Paulo narra que para mais sujeitos da EJA ingressem no ensino superior é necessário problematizar sobre a importância da educação. Destaca a falta de perspectivas futuras dos jovens em relação aos estudos e que a

ansiedade de ter que trabalhar logo também atrapalha que o ensino da EJA deveria ser mais reforçado. Na visão de Maria, a forma com que a EJA é ofertada deveria mudar, que a visão que se tem de formação apenas para o ensino médio e ter um diploma como se fosse apenas “tapar” uma lacuna deixada na educação deveria ser ressignificada. Já Pedro diz que a saída seria criações de políticas públicas para fortalecer esta modalidade de ensino que é tão precário. Nesse sentido Pontes e Clark (2016) destacam que:

Falar da Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, muito mais do que discutir metodologia de ensino, é referir-se a uma questão política. Trata-se de um campo de lutas constituído em um processo histórico que privilegiou e privilegia uma pequena elite nacional em detrimento da maioria da população. (p.57)

Observamos assim que nas narrativas dos sujeitos e reafirmada pelos autores, a Educação de Jovens e Adultos precisa permanecer na luta por melhorias para que os sonhos de tantos homens e mulheres jovens e adultos não sejam interrompidos por um sistema que não os prioriza. É muito decepcionante ouvir de um aluno que não se reconhece na escola, com se ali não fosse seu lugar por direito, e, ainda, o professor que deveria ser o motivador, na realidade apresentada por Maria (2017) é quem passa toda a insegurança. Sobre esta reflexão Pontes e Clark (2016) contribuem ao ressaltarem que:

O modo como a escola pública constrange, diariamente, os alunos das classes populares, destoando de sua finalidade explicitada nos discursos oficiais, evidencia um padrão de comportamento que tem origem e fundamento na distinção entre aqueles que podem ser considerados cidadãos, merecedores de nosso apreço, e os que não passam de subproduto humano, portanto, alvo de nosso desprezo. (p.60)

Diante do contexto apresentado torna-se visível que esses alunos, oriundos das classes populares, na maioria das vezes, já vêm para a escola sem sentir que sua mudança social poderá vir dali, e, infelizmente, um dos motivos é o próprio professor que, muitas vezes, não está preparado para lidar com necessidades dos seus alunos. Por isso, é necessário insistir na

relevância do debate da formação dos professores, principalmente, dos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, Paulo (2017) narra que para mais sujeitos da EJA, ingressem no ensino superior e problematizar sobre a importância da educação é necessário fomentar novas perspectivas para os jovens em relação aos estudos. Na visão de Maria (2017), a forma com que a EJA é ofertada deveria mudar, pois, esta modalidade não deveria ser igual as outras etapas de ensino, pois a visão que se tem é de formar para o ensino médio e ter um diploma como se fosse apenas tapar uma lacuna deixada na educação, mas não deveria ser assim. Já Pedro (2017) destaca que a saída seria criação de políticas públicas voltadas para a qualificação da EJA.

Observamos, assim, que nas narrativas dos sujeitos, a Educação de Jovens e Adultos precisa permanecer na luta por melhoria, buscar uma ampla avaliação para que o sonho de tantos homens e mulheres jovens e adultos não sejam dilacerados por um sistema que não os priorizam.

No tópico a seguir trataremos de responder quais os sentidos, desafios e perspectivas na formação dos sujeitos. Para isso foram elaboradas questões que buscassem, da melhor forma, alcançar o objetivo proposto, que é de conhecer as motivações e os entraves na trajetória desses sujeitos no ensino superior.

6.3 ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: SENTIDOS E DESAFIOS DA FORMAÇÃO.

Ao tratarmos das questões que irão responder sobre os sentidos e desafios da formação, questionamos os entrevistados se durante sua trajetória no ensino superior eles haviam notado alguma diferença dos universitários oriundos da Educação de Jovens e Adultos, em relação aos que cursaram o ensino básico. Maria (2017), diz que não acredita e que depende de cada um. Para ela, não há diferença daqueles que são de escola particular e da escola

pública, pois para ela o conhecimento está para todos, basta ter o objetivo de buscá-lo.

Nota-se que a fala de Maria (2017) traz todo um pensamento que possivelmente vem do meio social que ela vive, onde acredita que as conquistas são atreladas ao esforço de cada um, apesar de ser sujeito de classe popular. Até mesmo a própria Maria (2017), em falas anteriores, não conseguia pensar na possibilidade de ingressar na universidade. Paulo (2017), o segundo entrevistado, corrobora com Maria (2017) ao dizer, que foi o único aluno da EJA no curso dele. Disse que não viu nenhuma diferença entre ele e os demais colegas de turma; no entanto, em suas falas anteriores, revela que não se viam na universidade, era como se fosse de outro mundo. Assim, Silva (2010) chama atenção ao dizer que:

[...] a comparação entre a quantidade de inscrições para o vestibular dos jovens oriundos das escolas particulares e as efetuadas pelos alunos provenientes das escolas públicas de ensino médio, chama a atenção devido à pequena representatividade de jovens concluintes desse nível de ensino nas instituições públicas que se candidatam às vagas dos cursos das universidades públicas. (p.20)

É perceptível que Silva (2010), traz um apontamento indo em oposição ao que Maria (2017) discorre ao citar que o número de alunos oriundos das classes populares de escolas públicas que ingressa na universidade é bem menor, pois muitos deles não acreditam que poderão entrar numa universidade. Essa postura adotada por esses alunos é fruto da desigualdade e da exclusão, de uma sociedade elitista. Por isso, é preciso ficar atento para não assumir ainda que na inocência, o discurso do opressor. No entanto, Rita (2017) tem uma posição contrária de Maria (2017) e Paulo (2017) ao diz que:

Eu via porque assim [...] quando eu entrei na universidade, na minha turma só tinha eu que vinha da EJA, e eu era muito retraída. Então, assim [...] eu olhava as pessoas como se eu tivesse em outro mundo e por incrível que pareça eu tinha colegas que foram minhas colegas no primário e elas fizeram Magistério, quando elas entraram se sentindo muito à vontade de tá como se fosse o mundo delas, mas não era o meu mundo eu tava ali perdida eu entrei perdida, mas, essa diferença só foi no primeiro semestre, a partir do segundo já teve uma mudança. (RITA, 2017).

Pedro (2017) diz que os colegas têm mais experiência do que ele porque o ensino era pouco e sentia que havia sim uma diferença entre ele e os colegas de sala. Nesse sentido percebemos o que nas narrativas dos entrevistados sempre se remete ao ensino da EJA como insuficiente. Assim, Santiago (2014) aponta que é importante refletir sobre a EJA, pois essa modalidade exige um ensino diferenciado para atender ao seu público que, na maioria das vezes, é excluído e quase sempre são as pessoas de baixa renda. É sempre relevante estarmos fazendo menção a esses questionamentos para procurarmos métodos de solução para tais problemas.

Ainda nessa perspectiva pedimos que os entrevistados elencassem os pontos positivos e negativos da Educação de Jovens e Adultos, assim Maria (2017), a primeira entrevistada, destacou a questão do currículo como fragilidade, pois defende que este deve ser voltado para atender a necessidade dos sujeitos da EJA, além disso, sinaliza, também, como negativo, a postura de alguns professores que não motiva os estudantes a irem para além do que pensam, do que esperam. Já Paulo (2017) revela como aspecto positivo da EJA, a carga horária que é menor e isso possibilita que as pessoas trabalhem e estudem, considerando que no ensino dito “regular” é bem mais difícil. Ele destaca que, ao mesmo que pode ser considerado como vantagem, também pode ser uma fragilidade porque como é um processo mais rápido, há a necessidade de complementação.

Rita (2017), também diz que o aspecto positivo é o tempo de formação que é menor, porque entra com uma idade mais avançada e consegue concluir em um curto período de tempo. Também destaca que a diferença de idade é positiva por conta das experiências de vida. E, em relação as questões negativas, evidencia a falta de acesso a alguns conteúdos pois não contribui de forma efetiva para inserção na universidade. Já Pedro (2017) elucida como positivo a possibilidade de inserção na EJA, mesmo com algumas precarizações. Revela que os assuntos deveriam ser mais atuais e não ficar na mesma coisa.

Todos os sujeitos entrevistados têm pontos positivos e negativos para com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. É válido lembrar que apesar dos pontos negativos da EJA, ela ainda se configura como uma

conquista dos grupos populares, pois sabemos que a luta pela garantia da educação qualificada não é recente. Nesse sentido, Miguel Arroyo (2010) aponta que:

Corrigir as desigualdades educacionais perpassa as justificativas de todas as políticas. Mostrar o pouco que se avançou, se retrocedemos e o que planejar, que estratégias e que intervenções no sistema escolar, na formação docente para corrigir as desigualdades no próximo decênio. (p.1383)

Desse modo como Arroyo (2010) discorre que é sempre necessário mostrar o que está se avançando, e as buscas por melhorias. Dessa maneira, vai tendo uma motivação para continuar a lutar por melhorias e redução da desigualdade.

Considerando que os programas de auxílio universitário são um avanço, pois através deles muitas pessoas conseguem permanecer na universidade, perguntamos aos entrevistados se estes utilizavam algum programa de permanência e as respostas foram as seguintes:

“Não. Ah! tem aquele do MEC. É por causa do trabalho, na verdade eu trabalhava ai não tinha como” (MARIA, 2017).

Já Paulo diz que:

Eu utilizei a bolsa da PROPAAE, auxílio vinculado ao projeto e foi uma das melhores coisas que já tive na minha vida com a PROPAAE. Nunca tive problemas; sempre me deu total subsídio. Eu sempre tive bolsa. No início, quando eu entrei aqui, eu trabalhava, mas, depois, infelizmente, o curso exige muito de você, não tem como fazer os dois. Meu trabalho era um trabalho pesado. Nessa época eu rodava de Moto Táxi e a partir do segundo semestre eu consegui a bolsa ai fui até o fim do curso com a bolsa, sem problema nenhum, então eu tive todo auxílio que eu poderia ter e que também busquei. Eu nunca busquei outra coisa. O dinheiro não era tanto, mas o que eu recebia me ajudava bastante. Era o suficiente porque você também não pode querer muito, ou entrar na faculdade e achar que vai ficar rico, mais recebi o suficiente pra viver. Fora isso, eu entrei em vários projetos: fui voluntário do PIBID, porque eu queria aprender mais, melhorar, sair como um bom profissional, então eu acabei que não procurei dentro da universidade, achei, então. Enquanto o auxílio o da PROPAAE foi muito bom. (PAULO, 2017).

Rita fala que:

Eu tive o PIBID, foi assim que mudou a minha vida [...] porque eu entrei na universidade em agosto de 2009 e já no meu segundo semestre que foi em 2010, eu já entrei no PIBID que foi quando o PIBID começou a fazer a seleção em 2009 eu já deixei de ser empregada doméstica, porque eu ganhava como empregada doméstica: R\$180,00 depois passou para R\$ 220,00. Aguentar faculdade com esse dinheiro era muito difícil e o PIBID a gente recebia R\$ 400 e esse valor me manteve na universidade [...] eu deixei de trabalhar como empregada doméstica e fui fazer só o PIBID. (RITA, 2017)

Geralmente essas profissões tais como doméstica que não demanda escolaridade do sujeito, são as de fácil alcance das pessoas de baixa renda, embora seja um trabalho digno, faz com que os sujeitos não se sintam valorizados e em posição de inferioridade. É um trabalho que a pouco tempo passou a ser reconhecido como uma profissão com direitos garantidos, mas que em muitos lugares essas leis não são legitimadas e recebem salários baixíssimos como é o caso de Rita que recebia R\$ 180,00 a R\$ 220,00. Para mudar essa realidade só mesmo com a educação, Rita narra em sua resposta as mudanças que ocorreram em sua vida ao ingressar na universidade e o quanto para ela foi fundamental participar de um projeto remunerado que já contribuiu na sua formação e na permanência na universidade.

Pedro (2017) destaca que utilizou a PROPAAE.⁸ Assim, podemos verificar que a exceção de Maria, todos os outros entrevistados concordam que a bolsa de auxílio permanência e projetos foram fundamentais para suas formações, pois contribuiu de forma efetiva para a permanência, uma vez que o curso superior é muito intenso e para trabalhar e estudar acaba não sendo uma tarefa fácil. Se os sujeitos tiverem acesso as bolsas de auxílio facilitam muito em seu processo de aprendizagem porque além de ajudar financeiramente, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), citado por dois dos entrevistados, proporciona a esses alunos uma formação complementar muito relevante, pois ajuda na formação, com revelado na fala de Rita (2017). Dessa maneira Nadir Zago (2016) ressalta que:

⁸ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, bem como o Programa de Bolsa Permanência- MEC, oferecem para os estudantes de graduação a partir da Pró-reitoria de Políticas Afirmativas- PROPAAE, bolsas e auxílios que garantem a permanência dos estudantes na Universidade com a remuneração.

Se o ingresso no ensino superior representa para esse grupo de estudantes “uma vitória”, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. (p. 233).

Nesse sentido Zago (2016) traz uma reflexão acerca das barreiras a serem enfrentadas pelos sujeitos que ingressam no Ensino Superior, a primeira é conseguir entrar numa universidade, o que não é uma tarefa fácil, por outro lado, tem a questão dos desafios de permanecer, pois, a permanência no curso é umas das grandes dificuldades enfrentadas pela maioria dos estudantes universitários de origens populares.

Dando continuidade à pesquisa, indagamos sobre os desafios enfrentados na Educação Superior, Maria (2017) respondeu que a falta da leitura e o distanciamento que ela teve, acabou prejudicando de uma forma que muitas vezes acabava por se sentir marginalizado dentro daquele contexto porque achava tudo complicado: os conteúdos, os teóricos, mas que apesar de tudo não pensava em desistir porque tinha uma vontade própria de conseguir vencer. Percebemos na fala de Maria (2017) o estranhamento ao chegar no Ensino Superior e a dificuldade de se encaixar naquele ambiente que também é seu por direito, mas que por muitas vezes foi negado, ou que não fazia questão de ser acolhedor. Ainda nessa perspectiva, o segundo entrevistado diz que:

[...] maior bloqueio foi tirar tempo para aprender a estudar direito. Eu também tive muito problema porque as lacunas que eu tinha de estudar com o livro do ensino superior e o livro do ensino básico na mão. Eu estudava ai eu olhava o livro do ensino básico depois que eu entendia as coisas que deveria ter estudado na escola e que infelizmente não estudei tentei estudar no ensino básico ali, então, as vezes eu tirava três quatro dias estudando coisa que eu deveria ter estudado. Então, foram esses os maiores problemas que eu tive fora, o nível do ensino superior é que muito diferente do ensino básico, em questão de matemática o que eles cobram aqui [...] o meu maior problema foi autonomia que me deram, eu não sabia como usar, muitos colegas meus inclusive desistiram do curso, porque não soube aproveitar a autonomia. (PAULO, 2017).

É tão evidente na fala de Paulo a fragilidade do ensino quando ele destaca que foi necessário estudar com o livro do ensino básico para assim

entender o que estava posto já na graduação por não ter sido suficiente. Notamos aí o quanto é frágil a educação pública brasileira, sobretudo da EJA, que não prepara os alunos para um Ensino Superior, muitas vezes adotando uma postura de ensinar a esses sujeitos o que considera suficiente saber de modo a julgá-los, e os sujeitos por sua vez sofrem as consequências. Para Rita (2017) o desafio foi a distância da casa para universidade porque era muito longe, aproximadamente uma hora e meia. Ela fazia o curso a noite e ainda diz que:

Desafio na escrita porque na universidade escreve muito e eu tenho dificuldade para escrever, tive essa defasagem vindo da EJA, escrever para me era muito difícil e ainda manter a família porque eu sempre mantive, fui a primeira a concluir ensino médio e entrar na universidade para educação superior porque quando eu entrei eu pensava assim: eu entrei mas não vou me formar. Eu achava que eu não ia me formar porque ali, no primeiro semestre, era um mundo muito distante e eu ficava, às vezes me perguntando como as pessoas da universidade e eu éramos totalmente diferente, a universidade era muito distante do meu mundo. Eu não me sentir acolhida na universidade, era cada um por si [...] quando fui me acostumando e tranquilizando [...] Principalmente quando entrei no PIBID uma perspectiva de que eu ia me formar no primeiro semestre porque eu recebia pouco e era muita apostila eu já tive que deixar de comer para comprar apostila então eu ficava pensando até quando eu vou ter que escolher entre comer e estudar até quando eu vou conseguir manter essa Universidade caríssima porque é apostila o tempo todo eu dizia .Oh meu Deus! como é que eu vou fazer não tem condição não tinha aí consegui o PIBID foi uma luz no fim do túnel porque eu dizia agora vai. (RITA, 2017)

Rita (2017) narrar a dificuldade em se manter na universidade, isso nos remete a pensar também em todos os sujeitos que tem dificuldade de se manter na universidade, pessoas das classes populares, que muitas vezes chegam a universidade, mas não tem condições de permanência pois são de outras cidades ou, como é o caso de Rita (2017), do mesmo município, mas no entanto visualiza seu sonho distante com as dificuldades continuidade na universidade.

Pedro (2017) diz que, entender os assuntos é muito difícil; que ele não teve uma aprendizagem que ajudasse ele a entender o que era necessário. Percebemos que todos os quatro entrevistados corroboram com a ideia de que o Ensino Superior é muito divergente, como se estivesse em um mundo à

parte, o mundo do Ensino Superior e o ensino da EJA. É válido ressaltar que ao longo do texto os sujeitos sempre se referiram a universidade como algo fora de seu alcance, apesar de ter conseguido ingressar, os relatos feitos pelos entrevistados deixaram evidente que a universidade era um sonho distante e mesmo quando estavam inseridos carregava toda insegurança. Nesse sentido Silva (2010) apontar para uma reflexão em que destaca:

Cabe investigar, entre outras questões: o papel atribuído pela sociedade brasileira à formação universitária dos jovens nos dias de hoje; as perspectivas e projeções que essa sociedade confere à instituição universitária; as expectativas projetadas pelos jovens em relação ao acesso às instituições universitárias públicas, bem como as motivações que levam um jovem a interessar-se, ou não, por cursar uma universidade. (p, 56).

Desse modo busca-se refletir sobre o que Silva (2010) argumenta e entender como é vista a Universidade para muitos jovens e adultos e não apenas os vindos da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, mas todos os sujeitos que vem de classe baixa, que não se percebe enquanto donos do lugar que é seu por direito. Isso faz com que essas pessoas tenham tantas receios e não consigam se ver naquele espaço e mesmo quando conseguem ingressar o estranhamento é muito forte que eles acabam por desacreditar de sua capacidade.

Foram muitos os desafios encontrados durante seu percurso, primeiro na EJA, e, depois, na universidade. Contudo, eles alcançaram um nível de escolaridade antes tão distante para eles, pois, a vontade de mudar sua vida e de seus familiares foi maior do que esses obstáculos que enfrentaram ao longo do caminho.

Desse modo, no tópico seguinte, buscaremos responder quais as expectativas dessas pessoas que já passaram por um longo processo até chegarem onde estão.

6.4 EXPECTATIVAS DE UMA FORMAÇÃO MESMO QUE “TARDIA”: COM A PALAVRA, OS ESTUDANTES

Assim, partindo da perspectiva que os sujeitos que conseguiram ingressar no Ensino Superior passarem por vários desafios durante sua trajetória, questionamos sobre o que esse ensino representava para eles. A primeira entrevistada diz que.

A pra mim foi uma vitória, foi um sonho realizado, pra mim foi um presente de Deus. Eu tinha esse sonho e Deus me concedeu, porque nada acontece por acaso. Deus sabia porque eu iria entrar numa universidade e ainda federal. Pra outros pode ser normal mais pra mim é um sonho, uma gratidão que eu tenho com Deus [...] é uma realização mesmo. (MARIA, 2017).

Paulo (2017) diz que:

[...] eu fico me perguntando como eu conseguir entrar naquela faculdade, eu não consigo acreditar do nada eu sair da EJA, o professor me aconselhou, eu resolvi entrar na faculdade, então eu fui a única pessoa da minha família a primeira e até agora a única que conseguiu o Ensino Superior, então de certa forma não tem como você não sentir orgulho [...] quando entrei aqui no primeiro semestre, que eu comecei a ver as aulas de pré calculo eu só não desisti porque eu pensava assim, eu não vou desisti agora não, porque se não o povo vai dizer. ô pra aquele burro, o cara sabe que não tem capacidade, entrou no curso só pra se amostrar. Então, na verdade esses pensamentos me mantiveram na faculdade, senão eu ia desisti, e hoje vejo que consegui concluir o curso, eu sinto orgulho. (PAULO, 2017)

Rita (2017) relata que;

O ingresso no Ensino Superior para mim foi tudo, porque foi a oportunidade de mudar minha vida para melhor, mudar a vida da minha família. Eu antes de concluir a universidade já comecei a trabalhar como professora aí você já tem uma perspectiva de vida, você já eleva a sua autoestima. É como se você se sentisse importante, porque quando a gente não tem o estudo a gente não se sente importante, quando eu entro na universidade e eu me formo eu e me torno professora já passa a ser uma pessoa importante já tem uma estabilidade financeira importante já tenho reconhecimento na rua algumas pessoas me encontram e diz é a professora, eu vejo o orgulho do meu pai ao dizer eu tenho uma filha professora, quando chega alguma pessoa e pergunta para ele falar sobre os filhos ele sempre fala eu tenho uma filha professora . (RITA,2017)

Pedro diz;

Para mim o que eu passei, vim de uma família com meus pais que como citei naquele tempo era tratado como tabaréu, entendeu? Na zona rural família fraca, tudo com dificuldade e hoje depois de 56 anos é que eu tô na universidade para mim já é muito, já é ótimo pelo que eu já passei em frente. (PEDRO, 2017)

É notável o quanto é significativo para esses sujeitos estarem na universidade, quantas mudanças são proporcionadas, e como para eles parecia ser algo impossível de tal forma que chegam a ficar desacreditados, de estar naquele lugar. É interessante que os sujeitos da pesquisa tenham consciência de que através da educação conseguem mudar sua realidade de vida e conseguem almejar um futuro melhor para sua família, e, ao mesmo tempo, vimos que para eles parece ser algo inalcançável, distante da sua realidade, mas que, contudo, conseguiram ter alcance. São narrados aqui os sonhos se tornando realidade; o orgulho das famílias como cita Rita (2017) e Pedro (2017) de que em família de pessoas não alfabetizadas eles estão fazendo a diferença. São os primeiros a entrarem em uma universidade, são sujeitos que veem a educação como algo valioso, a possibilidade para saírem da situação em que vivem, de ascender socialmente. Assim, entendendo que a educação é importante então perguntamos para eles quais os maiores sentidos em cursar o Ensino Superior.

Maria (2017) respondeu que para ela a busca por humanização. Foi muito importante para que com o conhecimento aprendido pudesse compartilhar, o que aprendeu e incentivar as outras pessoas a continuarem. Já Paulo (2017) diz que desde jovem ele sonhava em ter um trabalho estável, mas não como pião, como ele já trabalhava, porque era difícil pois sentia um olhar indiferente para ele; não tinha um bom tratamento, e com isso ele começou a ver que a saída seria estudar, então, foi o que ele fez.

[...] tive a chance de entrar no curso superior, pra ter um emprego uma boa casa, ter um trabalho que eu pudesse ter orgulho e que ninguém olhasse pra mim e achasse que sou inferior, por isso, com os outros trabalhos que eu iria ter se não tivesse concluído o ensino superior então isso, foi o que mais me motivou a fazer curso superior a visão do ensino superior é isso oportunidade melhor, uma vida melhor de respeito. (PAULO, 2017)

Paulo (2017) demonstra o quanto ele se sentia menosprezado quando trabalhava em serviço braçal pesado - este mais acessível para pessoas não alfabetizadas e com remuneração na maioria das vezes baixa -. Assim, tornou-se perceptível que o que move esses sujeitos a buscarem melhorias, para conseguirem garantir seu espaço, e permitir um futuro melhor para si e para seus familiares é o estudo. Em uma perspectiva semelhante Rita (2017) disse que:

Perspectiva de vida, perspectiva de mudança, perspectiva de emprego, de qualidade de vida, porque quando eu falo qualidade de vida é ter o que comer porque a gente trabalhar e não ter o que comer isso também te desmotiva [...] na universidade você consegue um trabalho, você consegue mudar sua vida. É como se você passasse a ser gente. Hoje eu entendo o que minha mãe dizia quando declarava: “estude para ser gente, para ser gente que tenha uma qualidade de vida” quebrar com os preconceitos então hoje eu vejo o mundo de uma outra forma hoje eu me vejo no mundo que eu não me via, só consegui me ver a partir do momento que eu entrei na universidade [...] e hoje eu pretendo fazer um mestrado e possivelmente um doutorado. (RITA, 2017).

Para Pedro (2017) que ainda está na universidade só o fato de ter ingressado no ensino superior e concluí-lo já se sente realizado. Assim, notamos que os sujeitos da pesquisa começaram a pensar para além do seu ingresso na universidade, resgatou o otimismo, e alguns já estão pensando muito além da graduação, já vislumbram um mestrado. Percebe-se aí uma mudança do pensamento anterior de incapacidade.

Em fim os quatro sujeitos da pesquisa relataram os desafios, os sentidos e expectativas. Percebemos ao decorrer do texto que eles têm muitas marcas durante sua trajetória de vida, os desafios de virem de uma modalidade rotulada como modalidade criada para preencher as lacunas da educação. Desse modo, é extremamente importante valorizar tais pessoas a quem são grandes exemplos de superação e persistência que com certeza sua história de vida pode com certeza mudar a vida de outros, pois são sujeitos, provas vivas da capacidade do ser humano em avançar para muito além.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que tem suas peculiaridades, mas que, entretanto, foi uma válvula de escape para muitas pessoas que não conseguiram estudar no ensino dito 'regular', pois mesmo sendo considerada como "um preenchimento de lacunas" a EJA, contribuiu também ao possibilitar uma nova chance aos sujeitos, que não tiveram como estudar no período considerado adequado, voltando a estudar mais tarde na EJA.

Desse modo, essa pesquisa buscou trazer o que há de mais relevante sobre a trajetória educacional dos seus sujeitos, todo seu percurso, e para ter uma melhor compreensão, procuramos debruçar sobre várias leituras que pudessem nos ajudar a entender e melhor organizar os resultados.

Este trabalho teve como foco investigar, quais os sentidos, desafios e as perspectivas dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos dos municípios inseridos no recôncavo da Bahia que conseguem ingressar na universidade, tentando responder o que motivou esses sujeitos a buscar a universidade, os desafios encontrados pelos caminhos e suas perspectivas. O primeiro ponto de partida foi buscar teóricos que falassem a princípio da modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

No capítulo que discute a "Educação de Jovens e Adultos: lutas, histórias e conquistas", começamos a entender o histórico da EJA, seu surgimento, os enfrentamentos suas lutas seus movimentos de recaídas e de se reerguer, das várias campanhas as leis que a sustenta, para assim entender como surgiu essa modalidade de ensino da EJA nos permitiu conhecer os avanços os retrocessos percebendo, também, toda diversidade cultural das pessoas que passam por ela. Dessa maneira percebemos que a lutar por condições melhores deve ser constante, pois durante muito tempo ouvi a luta por garantia e torna-se necessário agora que se tenha qualidade no ensino e que os responsáveis pela escola tenham um olhar atendo para esses sujeitos.

O capítulo que fala sobre "Educação de Jovens e Adultos: Sentidos, Desafios e Perspectivas" proporcionou entender os motivos que levaram esses

sujeitos a investir na educação voltar a estudar. Notamos que os desafios mais presentes estavam voltados para as melhores condições de vida e a busca pela realização do sonho de viver com qualidade. Os desafios foram muitos deixar a escola, voltar a estudar já na fase adulta, toda sua luta por emancipação e poder se tornar um cidadão que sabe dos seus direitos e deveres. Daí a importância de trabalhos como esse que discutem, com fervor, essas questões de emancipação em busca sempre de ascensão.

No capítulo “A Educação Superior no Brasil: da elitização para a democratização” buscamos fazer um breve apanhado da Educação Superior que proporciona conhecer um pouco acerca desse nível de ensino. Seu surgimento e sua origem, os avanços e melhorias no acesso. Percebemos que a Educação Superior teve mudanças positivas com a entrada dos sujeitos das classes populares na universidade através do ENEM e de outros meios como as políticas afirmativas. Podem ser percebidos os avanços que o Programa Universidade Para Todos trouxe para o acesso à Educação Superior. Porém precisamos entender que a Educação nunca foi oferecida de forma fácil, sempre foi necessário lutar para conquistar esse direito e mesmo que o ingresso no ensino superior tenha sido facilitado, ainda falta melhorias para a qualidade, o ingresso e a permanência desses sujeitos na universidade, considerando que há uma dívida histórica da sociedade para com esses sujeitos.

Para obter os resultados da pesquisa fez-se necessário traçar um percurso metodológico no qual pudesse nos orientar, assim optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso utilizando como instrumento a entrevista semiestruturada, entender que esses é o instrumento mas adequado para coletar os dados necessários para responder o problema da pesquisa

Assim fomos trazendo os dados obtidos, e analisando a medida em que íamos discutindo. Desse modo podemos perceber que os quatro sujeitos da pesquisa são marcados de forma profunda, nas suas narrativas eles trazem muitas semelhanças apesar de terem vivenciado as experiências em épocas diferentes. As pessoas entrevistadas falam com um fervor da sua trajetória, o afastamento da escola ao seu retorno na Educação de Jovens e Adultos.

Todos os quatros não conseguem ver sentido em seus estudos quando retornaram para escola na EJA, exemplos disso é que eles não viam que a EJA iriam da subsidio para ir mais além nos estudos, não acreditavam que poderia ingressar numa universidade. Enfrentaram grandes barreiras sejam elas a desmotivação por parte de alguns professores como aponta Rita (2017), quanto pelos conteúdos ofertados na modalidade como aponta Maria (2017), Paulo (2017), e Pedro (2017).

No entanto eles tinham um sonho e foi exatamente esse sonho, essa vontade de mudar sua realidade e a realidade de sua família que fez com que eles não desistissem mesmo com as dificuldades pelo caminho. E com determinação palavra muito falada por Maria (2017) eles conseguiram ingressar na universidade, uma vitória, mas que seria uma nova batalha quando pensarmos na permanência, e nas dificuldades de quem veio de um ensino fragmentado, são novas lutas, novos desafios, movidos pela perspectiva de que seriam vitoriosos, de conseguirem um bom emprego, um concurso como Rita (2017) conseguiu visando um mestrado como Maria (2017), Paulo (2017) e Rita(2017) almejam, ou até mesmo concluir e ter um emprego como Pedro.

Desse modo, o contato com a temática foi de grande relevância para a formação acadêmica da pesquisadora, que traz para discussão a temática da Educação de Jovens e Adultos visando a Universidade, observando assim o quanto ainda está fragilizada a EJA. Entendendo que essa não é a realidade que queremos. Assim, essa modalidade, devem ser respeitadas, como tal, buscando melhorias por parte das autoridades, visando a formação do professor que está indo para EJA, para que os sujeitos não se sintam tão desmotivados quando os nossos sujeitos.

Por consideramos que essa pesquisa não se finda aqui, pois os questionamentos trazidos por ela nos proporciona uma reflexão sobre a prática, a luta por melhorias no ensino e direitos iguais a todos. Portanto, acreditamos que a presente pesquisa contribuiu tanto para pesquisadora, quanto para as instituições de ensino escola e universidade, a escola noturna que possa acolher os sujeitos e suas subjetividades e quanto à universidade que deve acolher também o sujeito entendendo a suas fragilidades, garantindo assim que todos tenham uma educação de qualidade.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel. **Balanço da EJA:** o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? Belo Horizonte: REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos, 2007, v. 1, n. 0, p. 5-19.

BARROS Aparecida da Silva Xavier. **Expansão da Educação Superior no Brasil: limites e possibilidades** Educ. Soc., Campinas, v. 36, nº. 131, p. 361-390, abr.-jun., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-00361.pdf>. Acesso em 17/12/2017.

BECKER, Fernando. Ensino e Pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando e MARQUES, Tânia Beatriz Iwasko (orgs). **Ser Professor é ser pesquisador**. Porto Alegre: Mediação, 2007, (p.11-20).

BOGDAN Roberto C.; BIKLEN Sari K. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998. Disponível http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao67.htm acesso em 20/03/2018.

_____. **Plano nacional de educação**- Brasília: Senado Federal, UNESCO, 2001. 186P.

_____. Secretária de Educação a Distância. **Salto para o futuro - Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

_____. **Programa de Educação Tutorial- PET Manual de Orientação Básica**
S/A disponível
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=338-manualorientabasicas&category_slug=pet-programa-de-educacao-tutorial&Itemid=30192 acesso em 25/04/2018.

CUNHA, Conceição Maria. Introdução – Discutindo conceitos básicos. In: SEED- MEC Salto para o futuro- **Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 1999.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n 123, set./dez. 2004.

FERNANDES, Cláudio. "História dos partidos republicano e democrata dos EUA"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/historia-dos-partidos-republicano-democrata-dos-eua.htm>>. disponível 14/03/2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Política e educação**: ensaios. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Gestão Democrática e Qualidade de Ensino**. Ed. Minascentro: Belo Horizonte – MG, 1994.

_____. Moacir. **Mova por um Brasil Alfabetizado**. Instituto Paulo Freire. São Paulo 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

_____. Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio. **Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.

_____. Sérgio; PIERRO, M^a Clara Di. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Revista Brasileira de Educação – Mai/ Jun/ Jul/ Ago – 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>>. Acesso em: 20/03/2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

LINS, M. J. F. **Sujeitos da educação de jovens e adultos: tempos de juventudes, de adultez e de velhices**. III Seminário Políticas Sociais e Cidadania. Disponível em: <http://www.uneb.br/neja/files/2011/12/SUJEITOS-DA-EDUCACAO-DE-JOVENS-E-ADULTOS-Maria-Jose-de-Faria-Lins.pdf>
Acesso em: 18/11/2017.

LINS, Alene, MACHADO, Renata, PAIVA, Aquilino. **UFRB 5 anos, Caminhos, Histórias e Memórias** 1^a edição Cruz das Almas Universidade Federal do Recôncavo Bahia 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1968.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENDIS, Madalena. LINDEZA, Paula. **A construção sócio histórica da educação de adultos: da educação premente à aprendizagem ao longo da vida**. In: TEODORO, António. JAZINE, Edineide. (Org) Movimentos educacionais e educação de adultos na Ibero-américa: lutas e desafios. Brasília. Liber Livro, 2011. p. 167-209.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Jurenilda Prado. SALES, Sheila Cristina Furtado. **Políticas de EJA no contexto da educação nacional: Breve histórico da educação e de políticas de EJA no Brasil**. In. ARAGÃO, José Wellington Marinho. (Org). Gestão democrática e formação continuada em Conselhos escolar: desafios, possibilidades e perspectivas. Salvador: Faced-PPGE-UFBA: EDUFBA, 2012. p. 41-65.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos: Contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

PONTES. Edmundo Marcos Ferreira, CLARK Geórgia Nellie. **A má-fé Institucional e a Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 4, n. 7, 2016 ISSN.

ROCHA, Nivea Maria Frango. LEAL, Raimundo, Santos. BOAVENTURA, Edvaldo Machado. **Metodologia Qualidade de Pesquisa**. Salvador. Fast Design, 2008.

SANTIAGO, Nilda Gonçalves Vieira. **A Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva de letramento**. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/728.pdf>
Acesso em: 20/11/2017

SANTIAGO. Emerson. **Monarquia**. S/A. Disponível em: <https://www.infoescola.com/formas-de-governo/monarquia/>. Acesso em 14/03/2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7ed. São Paulo, Cortez, 2010.

SANTOS, Marcia Teodoro Bispo. **Avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos: subsídios para tomada de decisão pedagógica**. 2014. Orientador: Rosineide Pereira Mubarack Garcia. Amargosa, 2014. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

SANTOS. Janete dos, FERREIRA. Rosilda Arruda, GARCIA. Rosineide Pereira Mubarack. **Acesso ao Ensino Superior na UFRB: a identificação étnica e a renda familiar dos estudantes em diferentes mecanismos de ingresso**. In: XIII Coloquio de Gestión Universitaria en Américas: Rendimientos académicos y eficacia social de la Universidad. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle>. Acesso em: 13 de maio de 2017.

SILVA. Hilda Maria Gonçalves da. **Os jovens provenientes do segmento popular e o desafio do acesso à universidade pública: A exclusão que antecede o vestibular**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita de Filho”, Faculdade de Ciência e letras, Araraquara, 2010.

SILVA, Gilson Viana. **Motivação para o trabalho docente**. Jundiaí, Paco. Editorial, 2016.

SILVESTRE. Arnaldo Araújo. **Feudalismo**. S/A. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/feudalismo/>. Acesso em: 14/03/2018

SOUZA. Cheirla dos Santos. **A educação de jovens e adultos no município de Mutuípe: Políticas e Programas**, 2016. Orientador: Debora Alves Feitosa Amargosa, 2016. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006 <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>, disponível em 22/02/2018.

APÊNDICE

APENDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Roteiro de entrevista

ENTREVISTA COM ESTUDANTES DA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES QUE VEIO DA MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

Idade: _____ Sexo: _____
Cor: _____
Profissão: _____ Estado _____ Civil: _-
Curso que frequenta: _____

2-DADOS SOBRE O PROCESSO DE VIDA E ESCOLARIZAÇÃO

- 1- Como foi sua trajetória escolar antes do ingresso na Universidade?
- 2- Quais motivos levaram você a cursar a modalidade da Educação de Jovens e Adultos?
- 3- O que a Educação de Jovens e Adultos foi para você?
- 4- Você utilizou sistema de cotas para ingressar na Universidade?
- 5- Você acredita que o trabalho da EJA consegue subsidiar os estudantes para ingressarem na Universidade? Justifique:
- 6- De que forma a Educação de Jovens e Adultos contribuiu para o seu ingresso na Educação Superior?
- 7- O que você acha que precisa mudar para que mais sujeitos da EJA ingressem no Ensino Superior?
- 8- Você percebe alguma diferença entre os universitários oriundos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e os que cursaram o ensino básico?
- 9- Na sua concepção, quais os aspectos positivos e negativos da EJA?
- 10-Em relação a permanência universitária você utilizava de algum programa?
- 11-Quais os maiores desafios enfrentados na Educação Superior?
- 12-O que representa o ingresso no Ensino Superior para você?
- 13-Quais os maiores sentidos em cursar uma educação superior?
- 14-Quais as suas expectativas futuras em cursar o ensino superior?
- 15- O que você espera alcançar quando concluir o ensino superior?

APENDICE II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados (as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: **O INGRESSO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Sentidos, Desafios e Perspectivas** de minha responsabilidade, Andréia Santos Barbosa graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral:

INVESTIGAR OS SENTIDOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DOS MUNICÍPIOS INSERIDOS NO RECÔNCAVO DA BAHIA QUE CONSEGUEM INGRESSAR NA UNIVERSIDADE.

O (s) procedimento(s) adotado(s) ser(ão) através de uma, entrevista semiestruturada.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, _____ de 2017.

_____ Graduanda

Colaboradores Voluntários

NOME	ASSINATURA

APENDICE III APENDICE III - TERMO DE CONSENTIMENTO
INSTITUCIONAL



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado: **O INGRESSO DOS ESTUDANTES ORINDO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES : Sentidos, Desafios e Perspectivas**, de minha responsabilidade, Andréia Santos Barbosa, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral: INVESTIGAR OS SENTIDOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DOS MUNICÍPIOS INSERIDOS NO RECÔNCAVO DA BAHIA QUE CONSEGUEM INGRESSAR NA UNIVERSIDADE.

_Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Caso. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista semiestruturada.

A qualquer momento, os (as) senhores(as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano aos participantes, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, _____, responsável pela instituição, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta Instituição. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Amargosa - Bahia, _____ de 2017.

Graduanda

Responsável Institucional